

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

ANDERSON GOULART FERREIRA

CARTOGRAFIA DE MEMÓRIA:
DOS PÉS DESCALÇOS AO SAPATO!
A TRAJETÓRIA DOS TRABALHADORES NEGROS NO SETOR COUREIRO
CALÇADISTA

São Leopoldo 2024

ANDERSON GOULART FERREIRA

**CARTOGRAFIA DE MEMÓRIA:
DOS PÉS DESCALÇOS AO SAPATO!
A TRAJETÓRIA DOS TRABALHADORES NEGROS NO SETOR COUREIRO
CALÇADISTA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia Luisa Zeferino Pires

São Leopoldo 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

ANDERSON GOULART FERREIRA

CARTOGRAFIA DE MEMÓRIA:
DOS PÉS DESCALÇOS AO SAPATO!
A TRAJETÓRIA DOS TRABALHADORES NEGROS NO SETOR COUREIRO
CALÇADISTA

Conceito Final: Aprovado

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Claudia Luisa Zeferino Pires (POSGEA/UFRGS)

Prof. Dr. DaKir Larara Machado Da Silva (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Heloisa Gaudie Ley Lindau (ULBRA)

Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares (POSGEA/UFRGS)

CIP - Catalogação na Publicação

Ferreira, Anderson Goulart

CARTOGRAFIA DE MEMÓRIA: DOS PÉS DESCALÇOS AO
SAPATO! A TRAJETÓRIA DOS TRABALHADORES NEGROS NO
SETOR COUREIRO CALÇADISTA / Anderson Goulart
Ferreira. -- 2024.

102 f.

Orientadora: Cláudia Luisa Zeferino Pires.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa
de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS,
2024.

1. Cartografia de Memória. 2. Educação Antirracista
. 3. Relações Étnico-Raciais . 4. Patrimônio Histórico
e Cultural. 5. Território. I. Pires, Cláudia Luisa
Zeferino, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, fonte de ensinamento de todos os valores que possuo nos dias de hoje, agradeço por sua dedicação e amor incondicional.

À minha esposa, por todos os dias e noites ao incentivar a não desistir dessa jornada acadêmica, expresso minha gratidão pela sua constante presença e apoio.

Aos meus filhos, pela compreensão dos momentos em que o papai estava escrevendo, agradeço pela paciência e pela inspiração que vocês me proporcionam.

À orientadora Claudia Zeferino Pires, pela paciência e apoio na construção da pesquisa, agradeço pela orientação valiosa e pela confiança depositada em meu trabalho.

A todos os entrevistados e entrevistadas que disponibilizaram seu tempo para as entrevistas, meu sincero agradecimento pela colaboração e pela contribuição essencial para o desenvolvimento da pesquisa.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela concessão da linha de pesquisa e cota, expresso minha gratidão pela oportunidade e pelo suporte oferecido ao longo deste trabalho.

“Quando as palavras não são tão dignas quanto o silêncio, é melhor calar e esperar.”

“A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu e ela não perde o que merece ser salvo.”

“A primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la.”

Eduardo Galeano

RESUMO

A cartografia de memória emerge como uma ciência que produz mapas sociais, os quais refletem a experiência vivida por grupos específicos de pessoas. Esses mapas são elaborados com a colaboração dessas comunidades e são empregados como meio de proteção de seus direitos. A aplicação desse ramo na Geografia, aliada à tecnologia computacional, pode se converter em uma ferramenta crucial para analisar as múltiplas territorialidades do espaço geográfico. Baseadas no cotidiano de quem habita um determinado território, através do mapeamento como metodologia de análise do território, a pesquisa sobre Cartografia de Memória: Dos pés descalços ao sapato! A trajetória dos trabalhadores negros no setor coureiro calçadista. A dissertação tem como objetivo resgatar o papel de contribuição dos trabalhadores negros nos principais núcleos de desenvolvimento econômico do Vale dos Sinos buscando, uma construção e reconstrução do trabalho destes atores econômicos na indústria coureiro calçadista. A pesquisa obteve como análise o desenvolvimento do território, como o processo ocorreu ao longo do tempo, as transformações ocasionadas nestas paisagens pela sociedade, rompendo com a ideia de invisibilidade do negro na contribuição da formação da região do Vale dos Sinos. Contextualizando uma breve análise histórica da região dentro das transformações ocorridas no Brasil colonial com a instalação da Feitoria do Linho e Cânhamo, um dos principais empreendimentos de desenvolvimento tendo como a inserção do trabalho escravo especializado na Feitoria e o uso desse sistema escravista pelo imigrante alemão, transformações que ocasionará o impulso para a origem da industrialização do setor coureiro calçadista e a maneira que foi empregada o uso da mão de obra negra nestes empreendimentos.

Palavras-chave: Cartografia Memória – Educação Antirracista - Relações Étnico-Raciais – Território – Patrimônio Histórico e Cultural.

ABSTRACT

Memory cartography emerges as a science that produces social maps, which reflect the lived experience of specific groups of people. These maps are created with the collaboration of these communities and are used as a means of protecting their rights. The application of this branch in Geography, combined with computational technology, can become a crucial tool for analyzing the multiple territorialities of geographic space. Based on the daily lives of those who inhabit a given territory, through mapping as a methodology for analyzing the territory, the research on Memory Cartography: From bare feet to shoes! The trajectory of black workers in the leather and footwear sector. The dissertation aims to rescue the role of black workers in the main nuclei of economic development in Vale dos Sinos, seeking to construct and reconstruct the work of these economic actors in the leather-footwear industry. The research analyzed the development of the territory, how the process unfolded over time, and the transformations caused in these landscapes by society, breaking with the idea of the invisibility of black people in contributing to the formation of the Vale dos Sinos region. Contextualizing a brief historical analysis of the region within the transformations that occurred in colonial Brazil with the installation of the Linen and Hemp Factory, one of the main development ventures involving the insertion of specialized slave labor in the Factory and the use of this slave system by German immigrants, transformations that will drive the origin of the industrialization of the leather-footwear sector and the way black labor was employed in these enterprises.

Keywords: Memory Cartography. Anti-racist Education. Ethnic-Racial Relations. Territory. Historical and Cultural Heritage.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Fluxograma da metodologia.....	14
Figura 2: Mapa da região metropolitana de Porto Alegre e do Vale dos Sinos	15
Figura 3: Mapa das localidades do litoral do Continente de São Pedro- 1780	28
Figura 4: Prédio da Feitoria do Linho e Cânhamo – São Leopoldo.....	36
Figura 5: Curtume Momberger - 1926 - Novo Hamburgo.....	43
Figura 6: Funcionários do curtume Ludwig – 1922.....	48
Figura 7: Margens do arroio Luiz Rau - Curtume Jaeger.....	50
Figura 8: Rua General Osório – Novo Hamburgo.....	51
Figura 9: Símbolo de Sankofa.....	52
Figura 10: Símbolos de Sankofa representadas no portão da rua General Osório.....	53
Figura 11: Verticalização da paisagem na rua General Osório.....	54
Figura 12: Mulher caminhando na rua.....	61
Figura 13: Interior de uma fábrica.....	63
Figura 14: Interior do Ateliê.....	64
Figura 15: Deslocamento ao trabalho.....	65
Figura 16: Baile na Associação.....	67
Figura 17: Espaço de lazer após o expediente.....	69
Figura 18: Bicicleta como meio de transporte.....	71
Figura 19: Lavagem do couro.....	73
Figura 20: Alagamentos.....	75
Figura 21: Ambiente de produção.....	77
Figura 22: Roda de conversa durante o almoço.....	78
Figura 23: Partida de futebol.....	79
Figura 24: Ferramenta de trabalho.....	81
Figura 25: Mesa de design.....	82
Figura 26: Modelos de sapatos.....	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quadro do perfil dos entrevistados/as.....	20
Tabela 2: Etapas da cartografia das paisagens.....	24
Tabela 3: Censo da população do Rio grande do Sul – 1780.....	27
Tabela 4: Lista de escravizados na transferência dos proprietários da Feitoria de Canguçu para Faxinal Courita.....	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 METODOLOGIA.....	13
1.3 A MEMÓRIA E VIVÊNCIAS DOS TRABALHADORES NO SETOR COUREIRO CALÇADISTA. CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO ESPAÇO MEMORIZADO	21
2. UMA ANÁLISE DO TERRITÓRIO SULINO E O SURGIMENTO DOS EMPREENDIMENTOS DAS CHARQUEADAS	26
2.1 O PAPEL DOS ATORES NEGROS NO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL DO VALE DO SINOS.....	35
2.2 OS IMIGRANTES ALEMÃES RECORREM AO SISTEMA ESCRAVISTA.....	37
3. TRILHANDO O PASSADO, MOLDANDO O PRESENTE: O PAPEL DOS TRABALHADORES NEGROS	41
3.1 CONTRIBUIÇÕES INVISÍVEIS NA PAISAGEM	50
3.2 INCLUSÃO E RESISTÊNCIA: A TRAJETÓRIA DE INTEGRAÇÃO DO NEGRO APÓS A ABOLIÇÃO.....	56
4. A MEMÓRIA E VIVÊNCIAS DOS TRABALHADORES NO SETOR COUREIRO CALÇADISTA	61
4.1 ALÉM DAS FRONTEIRAS DA FORMALIDADE: TRABALHO INFORMAL E AUTOINSTRUÇÃO A PÉ	62
4.2 COSTURANDO VÍNCULOS: TRABALHO, RESISTÊNCIA E SOCIABILIDADE .	67
4.3 PEDAÇOS DE COURO, PEDAIS DE AÇO: A HISTÓRIA DE UM TRABALHADOR NO CURTUME	71
4.6 CORES, COMPASSOS E CONQUISTAS: A TRAJETÓRIA DE UMA VIDA ENTRE DESENHOS DE SAPATOS E RITMOS DE SAMBA.....	82
4.7 CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO ESPAÇO MEMORIZADO	86
5. A EDUCAÇÃO ÉTNICO RACIAL COMO UM PROCESSO DE (RE) LEITURA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO E DE VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA NO VALE DOS SINOS:	90
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	96

1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação emerge como fruto de uma inquietação profissional que motivou a elaboração deste estudo. Ao empreender uma investigação acerca da presença da comunidade afro-brasileira nas cidades de Portão e São Leopoldo, situadas no Vale dos Sinos, estado do Rio Grande do Sul, onde exerço atividade docente na esfera da educação pública e privada, emergiu o questionamento fundamental que norteia esta pesquisa.

A história da minha jornada na prática do ensino de geografia teve início em 2005, quando entro em sala de aula e deparei-me com uma realidade intrigante: poucos alunos e uma presença discreta de alunos negros. A reflexão imediata surgiu diante do fato de estar em uma escola situada em uma cidade de forte influência da colonização alemã. Porém, foi durante esse período que tive a oportunidade de lecionar à noite para o curso do EJA (Educação de Jovens e Adultos), onde a presença de alunos negros era mais expressiva. Foi através desses alunos que tomei conhecimento da existência de um bairro denominado quilombo na cidade, e das dificuldades enfrentadas por muitos jovens dessa comunidade para concluir o ensino médio. Questões de empecilhos da continuidade o custo do transporte escolar no noturno para alunos de bairros distantes e os horários conflitantes com o término dos turnos de trabalho tornavam-se obstáculos significativos para a conclusão dos estudos.

À medida que o tempo passava, constatei de forma mais clara a invisibilidade enfrentada pela comunidade negra da cidade, principalmente em eventos e manifestações culturais locais. Sendo eu o primeiro professor negro em muitas das escolas públicas e privadas da região, passei a vivenciar de forma mais intensa o silêncio e o racismo presentes nas instituições que poderiam contribuir para a resolução dos problemas enfrentados por esses jovens na conclusão do ensino médio. Foi a partir desse contexto que decidi investigar a contribuição histórica dos negros na região, percebendo que suas mãos foram fundamentais na formação dos principais empreendimentos locais, como na feitoria, curtumes e fábricas de calçados, além de terem sido muitos escravizados por imigrantes alemães.

A formulação do problema emerge da seguinte indagação investigativa: Quais foram os impactos e contribuições da comunidade afrodescendente na configuração territorial e no desenvolvimento socioeconômico de uma localidade designada como

área de colonização de imigrantes alemães? A presença negra no Vale dos Sinos, remonta a meados 1788, anterior à colonização alemã, evidenciando sua participação no desenvolvimento econômico do território ao longo da história do Brasil, desde o período colonial até aos dias atuais. Às vésperas dos duzentos anos da presença luterana no Vale dos Sinos, torna-se imprescindível destacar que o povo negro já desempenhava um papel significativo na região, mesmo antes desse marco histórico. Não é possível ignorar, apagar ou invisibilizar essa contribuição. Estamos aqui para reivindicar cada vírgula que precisa ser reparada na história do povo negro na região, seja no âmbito estadual ou nacional.

A pesquisa propõe-se a analisar a problemática situação em torno da invisibilização excludente e discriminatória em relação à memória quanto à contribuição da população negra nas ações culturais, econômicas e na formação territorial de origem negra no Vale dos Sinos. O trabalho dos braços escravizados contribuiu significativamente em todos os momentos da fundação e do desenvolvimento da sociedade sulina, e sua presença na região do Vale do Rio dos Sinos remonta a 1788, anteriormente ao decreto que marcou o fim da escravidão em 1888 e ao início da colonização germânica datada em 1824. Pretendo explorar nas páginas subsequentes as contribuições históricas, territoriais e socioeconômicas da população negra em uma região marcada pela influência da imigração alemã.

A problemática do tema reside na invisibilidade do negro na formação da sociedade coureiro-calçadista, resultando em um esquecimento de sua contribuição para o trabalho e a organização do espaço, aspectos de importância crucial na constituição do território. O rótulo atribuído à região como o berço da colonização alemã, imposto ideologicamente sobre o território pertencente ao vale do Rio dos Sinos, tende a obscurecer a presença da etnografia afro-brasileira e suas interações nos municípios locais.

Ao refletir sobre a história da região, tradicionalmente divulgada a partir da ótica da presença alemã, as manifestações socioculturais estão intrinsecamente relacionadas a esse evento, o que demonstra e reforça uma invisibilidade ou um esquecimento da presença de um dos grupos étnicos que já habitavam a região antes da ocupação dos imigrantes alemães e que essa invisibilidade persistiu após a abolição da escravidão e persiste até os dias atuais.

Há uma necessidade premente de resgatar a memória e os registros das ações de trabalho que contribuíram para o desenvolvimento da região, divulgando as

manifestações de resistência, as relações sociais vivenciadas e resgatando o histórico da etnografia negra presente na região, a qual muitas vezes é negligenciada e sufocada por uma cultura dominante. Desenvolvendo um registro com base no mapeamento da memória das relações entre sujeito, paisagem, espaço e território, buscando contextualizar a sua identidade para que suas ações realizadas não sejam despercebidas ou excluídas do processo de formação territorial, histórico e cultural. Com o objetivo geral de compreender e desenvolver ilustrações baseada no mapeamento da memória sobre as relações entre sujeito e território em áreas onde estavam localizadas as indústrias do setor calçadista, buscando contextualizar a identidade desses trabalhadores. Investigando as ações realizadas que passam despercebidas ou que são excluídas de um processo cultural, econômico e social.

Entre os objetivos específicos temos que compreender como ocorreu a inserção da mão de obra negra nos principais empreendimentos de desenvolvimento da região, a criação da feitoria e a indústria coureiro calçadista. O engajamento nos depoimentos dos atores sociais que assim como mapas, possibilitam o entendimento dos processos históricos e de inserção social, buscando um resgate da memória dos operários do setor coureiro-calçadista, investigando a compreensão das interações existentes que ocorrem no ambiente de análise. A representação espacial da memória com base em percepções de pessoas, vivências, práticas culturais e atividades envolvidas em um determinado território, sendo o sujeito um protagonista e mediador de suas realidades. A cartografia contribui para uma proposta crítica à construção do espaço, fundamental para a formação de uma educação que valorize a diversidade e entenda o espaço público como possibilidades de aprendizagem e construção democrática. A elaboração da cartografia de memória sobre a situação de invisibilidade dos operários e operárias negros nas áreas delimitadas da pesquisa é uma ação de educação continuada para despertar a consciência e a preservação da identidade cultural afro-brasileira, procurando contextualizar no presente espaço geográfico.

1.1 METODOLOGIA

A elaboração de uma metodologia qualitativa de caráter exploratório é delineada por meio de uma revisão teórica das atividades econômicas que empregaram mão de obra negra no Vale dos Sinos/RS. Essa revisão bibliográfica visa compreender como o desenvolvimento do território ocorreu ao longo do tempo e quais foram as transformações econômicas resultantes dessas atividades na região. O foco é romper com a invisibilidade histórica da contribuição negra para a formação do Vale dos Sinos, buscando contextualizar historicamente a presença negra na região.

A epistemologia adotada nesta pesquisa é interpretativa, fundamentada na compreensão de que a realidade é construída individualmente por meio de significados atribuídos pelos sujeitos. Inicialmente, será realizada uma análise histórica, com ênfase nas relações étnicas nos seguintes períodos:

Brasil Colônia (1788 – 1822): compreendendo as representações do espaço desde a instalação da Feitoria do Linho e Cânhamo, um empreendimento crucial para o desenvolvimento inicial do Vale do Sinos.

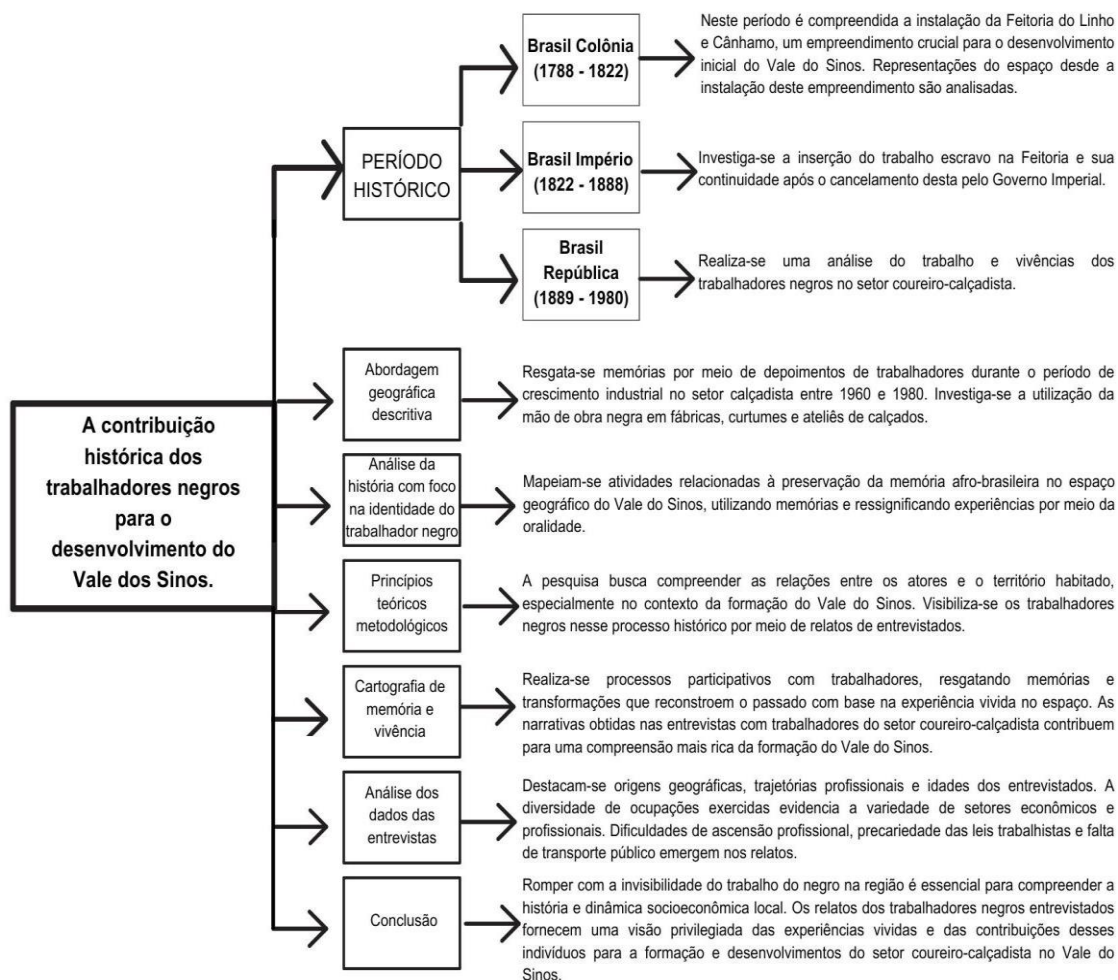
Brasil Império (1822 - 1888): investigação da inserção do trabalho escravo na Feitoria e sua continuidade após o cancelamento desta pelo Governo Imperial.

Brasil República (1889 – 1980): análise do trabalho e vivências dos trabalhadores negros no setor coureiro-calçadista.

Num segundo momento, será realizada uma abordagem geográfica descritiva, resgatando memórias por meio de depoimentos de trabalhadores durante o período de crescimento industrial no setor calçadista entre 1960 e 1980. Será investigada a utilização da mão de obra negra em fábricas, curtumes e ateliês de calçados, visando enriquecer as percepções e experiências coletadas.

Na terceira etapa, ocorrerá uma análise descritiva da história com foco na identidade do trabalhador negro, utilizando memórias e ressignificando experiências por meio da oralidade. Serão mapeadas atividades relacionadas à preservação da memória afro-brasileira no espaço geográfico do Vale do Sinos.

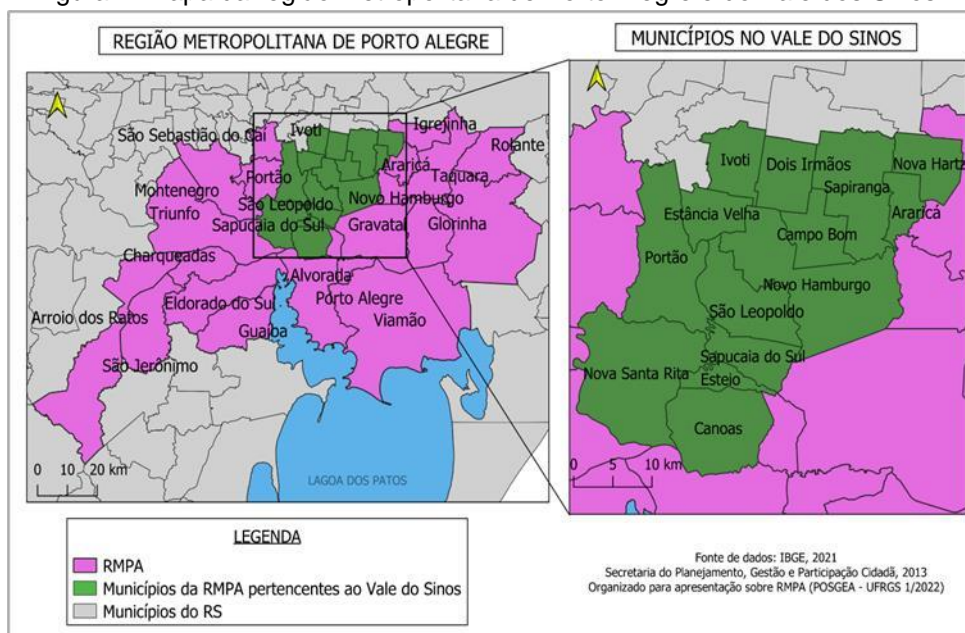
Figura 1: Fluxograma da metodologia



1.1 PRINCÍPIOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

Ao encontro de compreender as relações entre os atores e o território habitado, especialmente no contexto da formação do Vale dos Sinos. A necessidade de visibilizar os trabalhadores negros nesse processo histórico direciona o foco para os relatos dos entrevistados, oferecendo uma imersão no passado e uma compreensão mais profunda das relações raciais, dos meios de locomoção e lazer, e das contribuições desses indivíduos para a formação do setor industrial.

Figura 2: Mapa da região metropolitana de Porto Alegre e do Vale dos Sinos



Fonte: Adaptado de IBGE, 2021. Secretaria de Planejamento, Gestão e Participação Cidadã, 2013

Busca por relatos dos trabalhadores negros que vivenciaram o auge da indústria coureiro-calçadista no Vale dos Sinos visa resgatar suas memórias e espaços vividos, contrastando com a invisibilidade histórica desses atores.

Conforme argumenta Serpa (2019), a geografia do espaço vivido deve resgatar a dialética entre passado, presente e futuro, sendo simultaneamente retrospectiva e prospectiva. A contextualização das relações étnicas e perspectivas profissionais, sob uma base geográfica, juntamente com a paisagem memorizada e vivenciada, traz à tona elementos da vida cotidiana.

A territorialidade desses espaços marcados pela memória, suas práticas ao longo do tempo, são essenciais para a análise e desenvolvimento do espaço, gerando contribuições e perspectivas contextualizadas e narrativas construídas através das memórias e vivências no espaço.

A construção da cartografia de memória e sua vivência é um processo participativo dos atores ou trabalhadores, resgatando lembranças e transformações que reconstróem o passado com base na experiência vivida no espaço. As narrativas obtidas nas entrevistas com trabalhadores do setor coureiro-calçadista, suas relações pessoais vivenciadas e a memória do espaço e da paisagem agora estão registradas,

contribuindo para uma compreensão mais rica e holística da formação do Vale dos Sinos. Para Harley (2001), um mapa pode ser definido como “uma construção social do mundo”, que se circunscreve entre o verdadeiro e o falso para narrá-lo, tanto nas relações de poder como em suas práticas culturais.

A cartografia de memória é um processo de compreensão sobre o mundo que lhe circunda, o exercício de se colocar no mapa e refletir sobre seu lugar neste e pensar sua representatividade identitária. A possibilidade de ler o território como produto de múltiplas temporalidades, percepções e apropriações do espaço, que desencadeiam memórias e discursividades – de sentidos atribuídos e construídos, todos antagônicos, convergentes, parasitas, consensuais e conflitantes –, reflete sua dimensão simbólica do que é intangível num espaço físico constituído como um campo de disputas agenciado por redes de dimensões espaciais e culturais (Silva, 2008).

A sistematização do método de cartografar um mapa pode ser representada em narrativas que estão entrelaçadas com o espaço geográfico. Essas narrativas revelam como as ações e a produção de marcas territoriais e identitárias estão vinculadas a histórias, especialmente aquelas que foram historicamente ignoradas ou invisibilizadas, ou seja, que não receberam a devida atenção ou reconhecimento. Elas podem destacar lugares significativos para determinada comunidade ou cultura, os quais não são amplamente reconhecidos, mas desempenham um papel crucial na formação da identidade e na demarcação territorial dessa comunidade, onde suas tradições foram mantidas ou marcos históricos foram estabelecidos. Tudo isso contribui para uma compreensão mais profunda da história e identidade de um grupo específico de pessoas ou de um território existencial. De acordo com Harley (1988), o mapa é uma forma de linguagem que se entrelaça com a prática histórica, podendo revelar diferentes visões de mundo. Além disso, os mapas carregam um simbolismo que está associado ao conteúdo neles representado.

Existe uma profunda diferença entre cartografar caminhos e cartografar processos, entre o momento da perplexidade e do maravilhamento e o planejamento da reordenação territorial, entre a identificação do objeto e a identificação do sujeito. Há, efetivamente, uma diferença estrutural entre Colombo e Cortez, entre as cartas portulano e a projeção de Mercator e desta como base para cartas temáticas, bem como a diferença entre um Nicolau de Cusa e um Descartes. (SANTOS, 2002, p. 155).

Os mapas, além de representarem a realidade existente ou a possibilidade de uma nova realidade, também denotam as relações sociais, econômicas e culturais do contexto em que foram produzidos. Conforme o professor Dr. Douglas Santos aborda a diferença fundamental entre duas abordagens na cartografia: cartografar caminhos versus cartografar processos. O autor destaca que há uma distinção entre o momento inicial de perplexidade e maravilhamento ao explorar o desconhecido e a fase posterior de planejamento e reordenação territorial. Isso é exemplificado pela diferença entre Colombo e Cortez, onde Colombo representa a descoberta inicial e a identificação do objeto geográfico, enquanto Cortez representa a fase subsequente de conquista e planejamento territorial.

Ao mencionar a diferença entre as técnicas cartográficas históricas, como as cartas portulano (utilizadas para navegação marítima) e a projeção de Mercator (usada em mapas planos), e como essas diferenças estruturais se refletem nas abordagens cartográficas modernas, como as cartas temáticas. Isso indica a evolução da cartografia ao longo do tempo e como diferentes técnicas e projeções são adequadas para diferentes propósitos cartográficos. A referência a Nicolau de Cusa e Descartes também sugere a mudança na compreensão filosófica e matemática por trás da cartografia, destacando a importância do pensamento crítico e da evolução intelectual na produção de mapas e na compreensão do espaço geográfico. Essa análise mostra como a cartografia vai além da simples representação do espaço físico; ela é também uma reflexão sobre os processos, percepções e ideias que moldam nossa compreensão do mundo.

As ilustrações cartográficas são representações visuais que vão além da simples identificação e localização de elementos geográficos. Elas capturam não apenas as características físicas do espaço, mas também os processos históricos, culturais e sociais que moldam a paisagem. Ao contrário de simplesmente cartografar caminhos e objetos, as ilustrações cartográficas buscam cartografar processos, revelando as complexidades e interações dinâmicas entre o ambiente natural e as atividades humanas. A técnica de ilustrar a paisagem pode ser definida como representações visuais detalhadas e artísticas do ambiente natural, capturando não apenas sua aparência física, mas também seu caráter único e suas qualidades estéticas. Essas ilustrações podem abranger desde vistas panorâmicas de paisagens amplas até detalhes minuciosos de elementos da paisagem. Elas podem ser criadas com o objetivo de transmitir a beleza, atmosfera e essência da paisagem, muitas

vezes incorporando elementos emocionais e subjetivos para além da representação puramente factual, expressando a relação entre os seres humanos e o meio ambiente e inspirando uma apreciação mais profunda da natureza.

A ilustração cartográfica, ao representar o espaço não com o uso da técnica do mapa, mas com o uso de ilustrações, facilita a visualização da paisagem, arquitetura e identificações com tendências, apresentando desafios na seleção das cores, símbolos e espaçamento. Elas são essenciais para a compreensão e análise de dados espaciais e para a tomada de decisões em diversas áreas, como planejamento urbano, gestão ambiental, navegação e educação geográfica. Com o progresso tecnológico, as técnicas cartográficas possibilitam a elaboração de experiências mais interativas e imersivas por meio da utilização de algoritmos de inteligência artificial, o que auxilia na elaboração de ilustrações cartográficas e contribui para o aprimoramento do processo de produção de mapas.

O conceito que aborda a cartografia de memória e sua vivência pode ser construído por meio de processos participativos dos atores (trabalhadores) com suas relações de pertencimento com a paisagem e espaço, construindo um resgate das lembranças e suas transformações que reconstróem um passado com a experiência vivenciada no espaço. Segundo Abreu (1998), a memória individual pode contribuir para a recuperação da memória das cidades, permitindo o acesso a momentos urbanos que já passaram e formas espaciais que já desapareceram. A importância desse resgate para a identidade de um lugar é inquestionável. Abreu argumenta que a memória tem uma dimensão individual, mas muitos dos seus referentes são sociais, permitindo uma memória intersubjetiva, compartilhada e coletiva. A memória coletiva está sempre se redefinindo, e quando um período deixa de interessar ao período seguinte, isso não significa que o grupo se esqueceu de uma parte do passado. Pelo contrário, essa lembrança pode ser eternizada e transformada em memória histórica (Abreu, 1998, p. 84).

Será então impossível recuperar a memória de uma cidade? A resposta a essa pergunta é, ao mesmo tempo, sim e não. Sim, é impossível recuperar a totalidade das memórias coletivas que tiveram aquela cidade como referencial. No entanto, isso não significa que seja impossível resgatar muitas outras memórias dessa cidade. Essa segunda tarefa é não só viável, como necessária e urgente. É através da recuperação das memórias coletivas que sobraram do passado, estejam elas materializadas no espaço ou em documentos, e da preocupação constante em registrar as memórias

coletivas que ainda estão vivas no cotidiano atual da cidade (muitas das quais certamente fadadas ao desaparecimento), que poderemos resgatar muito do passado, eternizar o presente, e garantir às gerações futuras um lastro de memória importante para a sua identidade (Abreu, 1998, p. 87).

Seguindo ainda o pensamento de Abreu, é fundamental que não esqueçamos jamais que a história de um lugar é o resultado da ação, num determinado momento e sobre um determinado espaço, de processos que atuam em escalas que são ao mesmo tempo desiguais e combinadas. Assim, a história de um lugar não pode se ater aos processos puramente locais que aí tiveram efeito. Ela precisa relacioná-los a processos mais gerais, que atuam em escalas mais amplas (regional, nacional, global) da ação humana (Abreu, 1998, p. 88). A cartografia de memória tem como alvo os contextos das relações que as novas cartografias procuram valorizar. Seu objetivo é promover uma compreensão do espaço geográfico, considerando-o como o cenário das ações e relações dos atores, oportunizando uma análise crítica e uma atuação na realidade à qual pertence. É um processo de compreensão sobre o mundo que nos cerca, refletindo sobre nosso lugar neste mundo e pensando na nossa representatividade identitária. A possibilidade de ler o território como produto de múltiplas temporalidades, percepções e apropriações do espaço, desencadeia memórias e discursividades - de sentidos atribuídos e construídos (Abreu, 1998).

O conceito que aborda a cartografia de memória e sua vivência pode ser construído por meio de processos participativos dos atores ou trabalhadores com suas relações de pertencimento com a paisagem e espaço. Esses processos envolvem um resgate das lembranças e suas transformações, que reconstrói um passado com base na experiência vivenciada no espaço. As narrativas obtidas nas entrevistas com trabalhadores do setor coureiro-calçadista, que desempenharam diferentes funções nestes postos de trabalho, suas relações pessoais vivenciadas, e a memória do espaço e da paisagem estão agora registradas. Romper com a invisibilidade que existe em relação ao trabalho do negro na região é essencial para uma compreensão mais completa e precisa da história e da dinâmica socioeconômica local. Os relatos dos trabalhadores negros entrevistados proporcionam uma visão privilegiada das experiências vividas e das contribuições desses indivíduos para a formação e desenvolvimento do setor coureiro-calçadista no Vale dos Sinos. Ao destacar suas trajetórias profissionais, relações pessoais e memórias do espaço e da paisagem,

estamos reconhecendo e valorizando suas vivências, rompendo com a invisibilidade histórica que muitas vezes obscureceu suas contribuições e legados.

Tabela 1: Quadro do perfil dos entrevistados/as

Entrevistada/o	Ano de nascimento	Cidade Nascimento	Cidade residência	Cidade(s) que trabalhou	Função Exercida
Maria Regina	1953	Vacaria	São Leopoldo	Novo Hamburgo	Preparadora
Érico	1949	Vacaria	São Leopoldo	São Leopoldo Novo Hamburgo	Prensador
Francisco	1958	Bom Jesus	São Leopoldo	Campo Bom	Montador
Maria da Graça	1942	São Leopoldo	Portão	São Leopoldo Novo Hamburgo	Costureira
Osmar	1942	Portão	Portão	Portão	Curtidor
Valdemar	1950	Novo Hamburgo	Novo Hamburgo	Novo Hamburgo Goiânia/GO	Estilista

Os dados fornecidos no quadro oferecem uma visão abrangente dos perfis dos entrevistados, destacando suas origens geográficas, trajetórias profissionais e idades. A faixa etária dos entrevistados, que varia de 66 a 82 anos, reflete uma geração de trabalhadores com vasta experiência e conhecimento acumulado ao longo dos anos. É significativa a predominância de cidades como São Leopoldo, Novo Hamburgo, Vacaria e Portão como locais de nascimento e residência dos entrevistados. Além disso, a diversidade de ocupações exercidas, que incluem desde preparadores, desenhistas, prensadores, costureiras e curtidores, evidencia a variedade de setores econômicos e profissionais presentes na região.

A análise proporciona informações sobre a história e a dinâmica do mercado de trabalho local, enriquecendo nosso entendimento da sociedade e da economia regional. Dentro dos temas abordados nos depoimentos, destacam-se as dificuldades de ascensão profissional, frequentemente apontadas devido à discriminação racial e à dificuldade de conseguir empregos formais com carteira assinada, contrastando com as garantias trabalhistas oferecidas pela legislação da época. A precariedade das leis trabalhistas e a exposição à insalubridade, especialmente gerada pela manipulação de produtos químicos no processo de curtimento do couro, são também aspectos ressaltados.

A falta de transporte público e as alternativas de trabalho no mercado informal, como os pequenos empreendimentos conhecidos como ateliês e fábricas, também emergem nos relatos. Além disso, os entrevistados compartilham suas atividades de lazer e encontros, fornecendo uma contextualização das transformações desses espaços ao longo do tempo. Essa interação entre o trabalho vivenciado e a paisagem/espço revela uma dialética que perpassa a historicidade, oferecendo uma

interpretação e reinterpretação do percurso geográfico e histórico de reconhecimento cultural da paisagem e do espaço ao longo das experiências individuais e coletivas dos trabalhadores.

1.3 A MEMÓRIA E VIVÊNCIAS DOS TRABALHADORES NO SETOR COUREIRO CALÇADISTA. CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO ESPAÇO MEMORIZADO

A construção de um pensamento dentro da análise do estudo de tempo e espaço busca conceitos do pensador francês Henri Lefebvre, o percebido, o concebido e o vivido. O saber vernacular de cada depoimento gera narrativas, onde ao analisar torna-se um começo em busca da construção do espaço invisível, através da memória, sendo possível dialogar e interagir com o conhecimento geográfico. Segundo Lefebvre (1985, p. 129), um sujeito poderia criar situações novas no espaço, ligando partes da cidade que eram espacialmente fragmentadas. Contextualizando as transformações do território em uso, praticado e vivenciado, o relato dos entrevistados que vivenciaram o trabalho no setor coureiro-calçadista, baseados nos relatos de entrevistas destes trabalhadores, surge o diálogo com a paisagem, percorrendo o trajeto realizado e a interpretação e leitura da paisagem e do espaço memorizado.

Com o objetivo de buscar uma compreensão geográfica do espaço memorizado, uso de uma metodologia descritiva sobre o resgate da memória através de depoimentos do período que a industrialização no setor calçadista estava em crescimento no período de 1960 e 1980. A maneira que foi empregada o uso da mão de obra negra nas fábricas, curtumes e ateliês de calçados. Surge novas possibilidades de explorar e divulgar as percepções dadas às observações e experiências pessoais coletadas, introduzindo novos elementos às representações sociais processadas neste meio vivenciado que possam contribuir para a formação da identidade dos trabalhadores negros. Ao apresentar uma análise descritiva da história com ênfase no resgate da identidade do trabalhador negro, investigando através de suas memórias num resgate da oralidade, ressignificando e registrando essas vivências, mapeando as atividades relacionadas com objetivo da preservação e memória afro-brasileira no espaço geográfico do Vale do Sinos.

A natureza da pesquisa básica com objetivos de gerar mais conhecimento teórico sobre uma análise da história e um resgate da identidade do trabalhador negro, investigando através de suas memórias num resgate oral, ressignificando e

registrando essas vivências. Contendo como finalidade a construção de um registro cognitivo das memórias e da participação social dos sujeitos envolvidos. Na proposta de uma abordagem etnográfica, foram selecionadas pessoas da etnia negra/parda que tiveram experiência de trabalho nos seguintes setores: curtume; fábrica e ateliê.

Utilizando o método de pesquisa de campo no espaço delimitado, bairro de localização dos locais de trabalho dos entrevistados, com objetivo de analisar e descrever a paisagem. Analisando arquitetura e suas rugosidades ao entender o que fica do passado como forma, espaço construído, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares e nas paisagens dos trajetos percorridos pelos entrevistados, sendo eles os locais de trabalho/domicílio, buscando uma ressignificação do espaço geográfico descrito pelos trabalhadores.

O estudo de caso foi elaborado a partir de entrevistas semiestruturadas e nos relatos das histórias de vida, abrangendo uma análise de registro, observações e acontecimentos. Examinando como fonte de pesquisa os depoimentos dos entrevistados, onde foi desenvolvido um roteiro de perguntas e temas com a proposta de indagar a maneira os entrevistados percebem a sua contribuição nas atividades exercidas nas suas profissões. De acordo com perfil estabelecido foi encontrado 6 trabalhadores, sendo 4 homens e 2 mulheres com idades acima de 65 anos, que desempenharam diversas profissões no setor coureiro/calçadista. Entre as profissões presentes nos depoimentos estão: curtidor de couro, costureira, preparadores de calçados e bolsas, que têm como função a organização do corte das peças para a confecção dos produtos, na produção de solas para calçados e preparo de palmilhas e saltos para a confecção de calçado.

Observando através dos depoimentos como era realizado o processo de seleção para desempenhar o trabalho na fábrica, as instruções do cargo, a maneira como ocorria o deslocamento diário até o local de trabalho; as relações étnicas entre os funcionários (brancos)/supervisores e diretores/patrões, como era a descrição da paisagem destes espaços, sua estrutura física do ambiente de trabalho e arquitetura. A precarização do trabalho em algumas entrevistas também foi ponto destacado, assim como suas perspectivas sobre a invisibilidade do negro na região e as considerações sobre o tema da pesquisa.

No que diz respeito aos métodos de observação, durante a pesquisa os depoimentos dos atores individuais, sobre o uso de determinados territórios, o espaço

vivido e suas memórias, sentidos atribuídos e construídos, a partir de experiência e intensas relações sociais conflitantes, oportunizou um mapeamento da realidade a ser estudada, passa-se à análise e interpretação das informações. Caracterizando as áreas de estudo delimitada através dos recortes das entrevistas, coletando dados e fotografias das paisagens mencionadas e as transformações que ocorrem nestas áreas.

Em relação às fotografias selecionadas para análise, estão relacionadas ao cotidiano dos trabalhadores nos curtumes e fábricas, as condições de trabalho que estavam inseridos nos ateliês e a imagem de fotos e registros dos bairros que tiveram a circulação destes trabalhadores. O estudo de mostrar as imagens foi uma estratégia de ressignificar os sentidos que as pessoas relatavam com as observações e interpretações das imagens mostradas, contextualizando o período em depoimento e surgindo nova leitura desses espaços, construindo um diálogo com a recepção das informações, saberes e percepções dos entrevistados. A elaboração de um mapa que registrasse os caminhos percorridos e os espaços vivenciados pelos entrevistados não foi possível, uma vez que os deslocamentos eram a pé e os locais, nos quais os prédios das indústrias atualmente, não são passíveis de serem localizados. Diante disso, a abordagem foi direcionada para a criação de ilustrações dessas paisagens e espaços com base nos depoimentos obtidos.

Com método cartográfico teve como objetivo de realizar o uso do software, na plataforma digital com o uso de inteligência artificial para criação de imagens e ilustrações sobre as paisagens descritas pelos entrevistados. Possibilitando acompanhar os movimentos e a composição dos espaços vividos e as maneiras pelas quais se criam interpretações dos lugares e paisagens memorizadas. De acordo com Santos (2008, p. 67-68), define a paisagem como: "tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc." Ao encontro com o pensamento de Santos, a paisagem é basicamente ligada à percepção/visual, sendo ela vista numa pintura ou fotografia, à medida que esta paisagem é recordada ou relembada, sendo uma categoria de análise da Geografia que nos gera um suporte no estudo e compreensão do espaço a partir de um recorte específico. Ao buscar a releitura destes lugares, foram elaborados procedimentos de descrição e representação das paisagens e assim obter elementos e objetos que constituíam essas paisagens. Os procedimentos

metodológicos utilizados nas elaborações das ilustrações dos depoimentos dos entrevistados, sendo pesquisada a descrição destas paisagens e suas características de acordo com Cavalcanti (2009, p.63).

A utilização da plataforma CANVA na criação de imagens e ilustrações dentro da geografia pode ser uma tecnologia de suma importância, pois permite uma representação visual mais eficaz e dinâmica das paisagens descritas pelos entrevistados. Com essa ferramenta, é possível não apenas retratar fielmente os elementos físicos e culturais presentes nos espaços vividos, mas também explorar a relação entre eles e as interpretações que são atribuídas a esses lugares. Dessa forma, o uso da ferramenta digital facilita não apenas a compreensão das características geográficas, mas também a análise dos significados e das memórias associadas a esses espaços, enriquecendo assim o estudo da geografia.

A descrição de campo inicia-se com elaborações minuciosas e descrições completas, consistindo em observações detalhadas, com controle seletivo de locais a serem observados, de modo a obter um reconhecimento da maior diversidade possível de paisagens da área que está sendo mapeada. Analisa-se também o potencial natural e o potencial cultural, que inclui os tipos de construções de casas, prédios e ruas presentes na arquitetura, além das interferências antrópicas realizadas na paisagem e as representações de fenômenos sócio culturais atuantes no ambiente.

Tabela 2: Etapas da cartografia das paisagens

Etapas	Sínteses dos procedimentos metodológicos
1ª etapa	Registro de depoimentos dos entrevistados com pergunta direcionada sobre a paisagem.
2ª etapa	Pesquisa sobre as características das paisagens relatadas nas entrevistas, incluindo aspectos da natureza e cultura.
3ª etapa	Elaboração de um roteiro de campo para visita dos locais mencionados.
4ª etapa	Coleta de fotografias durante as saídas de campo nos lugares citados pelos entrevistados.
5ª etapa	Elaboração gráfica – ilustrações a partir dos áudios das entrevistas.
6ª etapa	Elaboração de imagens utilizando plataformas digitais para a reprodução das paisagens.
7ª etapa	Entrevistas complementares para aprofundar aspectos específicos da percepção da paisagem pelos entrevistados.
8ª etapa	Seleção, revisão e escolha das ilustrações pelos entrevistados.

Construindo a possibilidade de uma metodologia que busque revalorizar e ressignificar o papel do negro na sociedade, com uma proposta de cartografar a memória, onde seja possível entender como determinados espaços vão se constituindo em lugares de diálogo a partir de práticas comunicativas, passando pela decodificação de espaços quase que invisibilizados para a maioria da sociedade.

Enfim, o uso de metodologias como a cartografia da memória, aliada ao emprego de tecnologias, revela-se fundamental não apenas para resgatar a história e a identidade de grupos marginalizados, como os trabalhadores negros na sociedade, mas também para promover uma reflexão crítica sobre as dinâmicas espaciais e sociais que moldam nossas comunidades. Ao dar voz e visibilidade a esses espaços e experiências muitas vezes negligenciados, abre-se espaço para um diálogo mais inclusivo e uma construção de narrativas que reconheçam a diversidade e a complexidade do nosso tecido social. Assim, ao cartografar as paisagens e memórias não só contribui para a produção de conhecimento geográfico, mas também para a promoção de uma sociedade mais igualitária.

2. UMA ANÁLISE DO TERRITÓRIO SULINO E O SURGIMENTO DOS EMPREENDIMENTOS DAS CHARQUEADAS

A busca pela necessidade de entender e compreender a presença do negro na formação do território do Rio Grande do Sul, em especial na região do Vale dos Sinos, remete aos estudos históricos dos empreendimentos econômicos que foram implementados na região. A partir da necessidade de analisar esses espaços, seja o espaço em formação geográfica ou social, resulta do trabalho da mão de obra negra, acumulada ao longo do tempo.

As rugosidades do passado fixadas no espaço e seus condicionamentos no atual presente, segundo o pensamento de Milton Santos (1978), são um primeiro caminho a percorrer para o resgate e compreensão do presente e para romper com a ideia de invisibilidade em relação à presença negra. Ao percorrer análises sobre o decorrer do século XVIII, o espaço territorial sulino gerava preocupações no governo português, pois a Província de São Pedro do Sul, elevada à condição de capitania em 1760 e atualmente o Rio Grande do Sul, tornou-se um território de contrabando de gado, prata e erva-mate provenientes do território espanhol, através da rota Potosí/Buenos Aires.

O governo colonial empreendeu medidas para bloquear as invasões ao vulnerável território sulino e suas fronteiras, apesar das inúmeras restrições que não interessavam à metrópole naquele período sobre a região. Além disso, enfrentava a dificuldade de acesso, devido a um litoral inóspito e distante dos principais núcleos de colonização do país, e inicialmente pela ausência de recursos naturais que despertassem o interesse da metrópole portuguesa, ocasionando uma ocupação tardia em relação às demais regiões do Brasil. De acordo com registros históricos, o negro oriundo do continente africano foi juntamente com os portugueses a explorar e a fixar-se em solo riograndense.

A presença do negro foi constatada, segundo o historiador Euzébio Assumpção (1990), nas bandeiras de aprisionamento, como na expedição de Raposo Tavares em 1635, na qual participaram cerca de cinquenta escravos. É possível que o negro já tivesse chegado anteriormente à data das expedições de Raposo Tavares nos vales dos rios Taquari e Jacuí.

O objetivo da colônia portuguesa, em um primeiro momento, era o de povoar as terras que percorriam do sul de São Vicente até a Colônia de Sacramento,

adotando a estratégia de distribuir sesmarias aos tropeiros que se sedentarizavam e aos militares que se afazendaram. O surgimento de vilas fortificadas também foi uma maneira de ocupação da terra. Em um século de povoamento, o sistema escravista foi uma atividade econômica presente em todos os serviços. O prestígio e o status de possuir um escravizado precisam ser considerados nesse momento. Os braços da mão de obra escrava foram utilizados no desenvolvimento econômico no sul do Brasil.

Analisando os registros de dados sobre a população da província em 1780, conhecido como relatório do Tenente Córdova, sendo perceptível visualizar a presença negra nas diferentes freguesias.

Tabela 3: Censo da população do Rio grande do Sul – 1780.

Freguesia	Brancos	Índios	Negros	Total
Madre de Deus	871	96	545	1.512
Rio Grande	1.643	182	596	2.421
Estreito	880	97	277	1.254
Mostardas	360	40	191	591
Viamão	1.028	114	749	1.891
Santo Antônio	828	91	270	1.189
Conceição do Arroio	234	25	158	417
Aldeia dos Anjos	210	1.890	255	2.355
Vacaria	291	32	248	571
Triunfo	637	_____	640	1.277
Taquari	580	_____	109	689
Santa Amaro	512	_____	208	720
Rio Pardo	1.317	438	619	2.374
Cachoeira	42	383	237	662
Totais	9.433	3.388	5.102	17.923

Fonte: Euzébio Assumpção

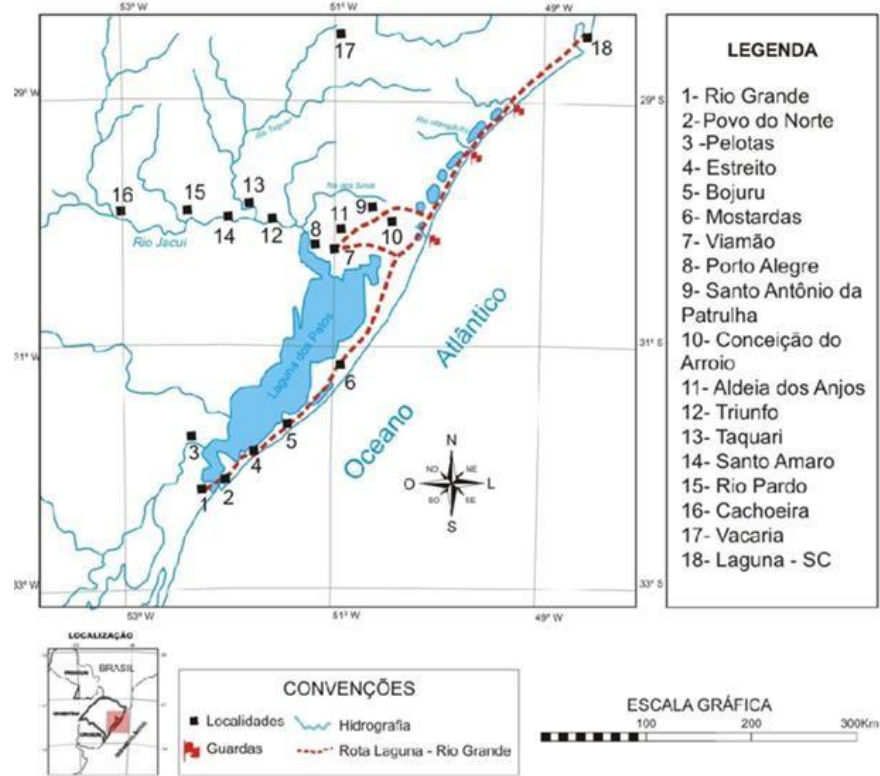
Os dados do Censo da população do Rio Grande do Sul em 1780 revelam informações significativas sobre a composição étnica da região na época. O relatório apresenta o número de brancos, índios e negros em várias freguesias, destacando a população negra em relação às outras etnias.

Na tabela não é possível perceber a idade e gênero da população, sendo notável que as freguesias de Viamão, Triunfo, Rio Pardo, Madre de Deus e Rio

Grande. destacam-se com uma população de negros consideravelmente maior do que em outras áreas, atingindo 3.149 indivíduos, mais da metade da população negra do relatório e contraste com as freguesias onde a presença negra é menos expressiva. Isso pode sugerir uma distribuição desigual da população negra no estado, relacionada a atividades econômicas específicas ou políticas locais.

As freguesias que aparecem no relatório podem ser analisadas em conjunto com o mapa do período investigado. Nota-se que a freguesia de Vacaria estava situada no planalto meridional, enquanto as demais freguesias estavam localizadas nas proximidades da bacia hidrográfica da província. Isso se deve à importância do sistema de transporte marítimo que era realizado e impulsionado pelos portugueses no litoral da província.

Figura 3: Mapa das localidades do litoral do Continente de São Pedro- 1780



Fonte: ORG: Georgi Marcos Daniel S.de Aguiar

A presença da freguesia de Vacaria no planalto meridional sugere a influência das atividades agrícolas e pecuárias naquela região, reconhecida por suas pastagens e terras propícias para a criação de gado. Por outro lado, as freguesias próximas à

bacia hidrográfica utilizaram a estratégia do acesso facilitado ao transporte marítimo, crucial para o comércio e transporte de mercadorias na época.

Os registros de escravizados negros nessas áreas estão vinculados à demanda por mão-de-obra nas atividades econômicas locais, como a agricultura e a pecuária. Essa distribuição geográfica da população em diferentes freguesias reflete as complexas dinâmicas sociais e econômicas que moldaram a província no período histórico em questão. Além disso, é possível observar que a freguesia de Triunfo e Taquari não apresenta dados referentes à população indígena. Isso pode indicar a predominância da população branca ou negra nessas áreas e pode ter raízes históricas e sociais que merecem investigação. Em geral, os números evidenciam a complexidade da demografia do Rio Grande do Sul no período, destacando a presença considerável da população negra em algumas freguesias, o que é crucial para uma análise mais profunda da dinâmica econômica da época.

É preciso destacar a introdução da indústria do charque no decorrer de 1780, originária na região de Pelotas, no sul do estado, sendo a expansão da atividade produtiva que se estende em regiões no litoral, como o sul da praia de Quintão, denominadas de charqueada velha e charqueada nova, no entorno da bacia do rio Jacuí, onde se localizam os municípios de São Jerônimo e Triunfo. A busca e procura pelo produto charque na lógica de necessidade econômica de mercado interno e externo acentuaram-se cada vez mais, dinamizando os processos de produção e gerando a necessidade de importar mais escravizados. À medida que a produção de charque abastecia trabalhadores da mineração e tropas no centro do país e até mesmo era exportado para o Caribe, o empreendimento das charqueadas estava interligado ao mercado nacional e internacional de capital/produção, dependendo das exportações de sal, elemento essencial do charque, sendo a Espanha, num primeiro momento, e mais tarde o Nordeste brasileiro, os fornecedores da matéria-prima. O trabalho nas charqueadas ficava restrito à mão de obra escrava, sendo as instalações responsáveis pelo processamento da carne de gado, transformando-a em charque por meio de um método de salga e secagem.

A mão de obra estava presente em diversas etapas da produção, desde o transporte até a matança e pesagem, passando por outras etapas da indústria saladeril e charqueadora. Os trabalhadores muitas vezes enfrentavam jornadas extenuantes e condições de trabalho difíceis, diante também das diferentes

adversidades climáticas da região sulina, o que aumentava ainda mais o esforço físico dos trabalhadores no período do verão.

Sobre as condições de trabalho nas charqueadas vivenciadas pelos escravizados, destacam-se relatos de viajantes que, analisados por pesquisadores, nos levam a pensar como deveriam ser as condições das atividades. Mario Maestri ressalta:

As condições de trabalho em uma charqueada escravista eram duras. A produção charqueadora era atividade sazonal, realizada sobretudo de outubro a maio. Ela exigia dos trabalhadores escravizados jornadas de dezesseis ou mais horas, realizadas em boa parte à noite, segundo parece, para manter a temperatura das salmouras do tanque estável [...] o negro literalmente desfalecia de cansaço e sono sem afastar-se de suas tarefas. Era então transportado para o barracão pulguento dos enfermos eufemisticamente chamado de hospital [...]. (MAESTRI, 2006)

A atividade econômica se desenvolve sob condições de trabalho precárias, e o sistema produtivo do couro acaba gerando um ambiente degradante. O sociólogo Fernando Henrique Cardoso (1997), aponta nos seus estudos sobre as charqueadas, relatos de viajantes que definem o espaço sendo um local com cheiro forte e como um ambiente macabro.

Em toda a região há um horrível cheiro de carniça! Couros, chifres, cascos, ossos, tendões, tripas e nauseantes massas de sangue em putrefação. (Cardoso, 1997, P.172-173)

A estratégia de ocupação da colônia na parte sul do estado, desencadeava interesses políticos e militares. A criação de vilas fortificadas e a ocupação da terra com estância de criação pecuarista foi uma das medidas de integração do espaço sulino aos domínios dos portugueses. O escravo negro exerce um papel fundamental na produção sulina, seja nas lavouras de trigo, estancias, artesanatos e outros serviços. A crise nas charqueadas devido a fatores de mercado, como a concorrência do charque uruguaio e argentino, assim como a queda do consumo charque e a mudança de hábitos alimentares no país e o crescimento do setor agrícola na região das colônias de imigrantes desencadeou o declínio da economia charqueadora. É possível estabelecer relações sobre as disputas de mercado interno – conflitos entre as regiões norte versus o sul da província e com o competitivo mercado externo.

O pensamento do movimento abolicionista de libertação dos escravizados no estado, com a ideologia de que só o trabalho escravo livre poderia aumentar a produtividade, modelo desenvolvido no Uruguai e com resultados de produção acima

da média em número de abate de gado. O sistema capitalista procura novas estratégias de produção, a necessidade de tornar rentável capital, o modo de produção escravista era idealizado naquele período como um obstáculo ao crescimento econômico. O escravo sofre diversas desorganizações dentro do seu espaço. A sua captura de local de origem, o transporte, comercialização e a apropriação de sua força de trabalho, seu corpo possui um dono, disciplina, o uso do medo e da coação, reprodução, castigos, imposição religiosa. E ainda a todas essas condições acrescenta o não reconhecimento pelo fim da escravidão, a entrada da mão de obra imigrante, fatores que desencadeiam uma segregação territorial, social, cultural, religiosa e econômica.

Os conceitos ideológicos das revoluções haitiana e baiana, assim como o surgimento das Leis: lei Eusébio² e a antecessor lei inglesa Bill Aberdeen³, lei de Terras, sopram ventos de ideais na porção meridional do Brasil. O sistema escravista começa a perder forças devido a esses fatores, sendo que no espaço gaúcho o partido republicano incentiva a produção diversificada agrícola do norte do estado, o braço do imigrante europeu era a intenção do governo, a necessidade de gênero agrícolas, a busca de alternativa para evitar às importações do mercado externo. A policultura era um projeto dos federalistas em caminho oposto aos estancieiros/charqueadores do sul. As políticas de branqueamento da população e a imigração europeia em duas grandes ondas migratórias de 1824 – alemães e 1870 – italianos, ocasionou profundas crises na atividade econômica da região sul do estado. Outros fatores como a construção de duas ferrovias para escoamento da produção agrícola do norte gaúcho, contribuíram para escassez da mão de obra escrava e o declínio da economia do charque.

O Marquês de Pombal, primeiro-ministro de Portugal, implementou uma medida administrativa ao autorizar a criação da Feitoria do Linho e Cânhamo. Essa ação representou uma estratégia adotada pelo governo para promover o desenvolvimento econômico e a expansão territorial na região meridional da colônia. A Real Feitoria do Linho e Cânhamo foi estabelecida em 1783 na área de Canguçu, que engloba atualmente os municípios de Canguçu, Pelotas e Turuçu. A escolha desse local se baseou em sua posição estratégica próxima à Lagoa dos Patos, o que facilitava o transporte da produção para o centro da colônia, principalmente para o Rio de Janeiro. No entanto, devido à limitada fertilidade do solo e outros fatores desafiadores, a feitoria foi transferida em 1788 para a região conhecida como Faxinal do Courita, situada às

margens do rio do Sinos, abrangendo atualmente os municípios no que é hoje o Vale do Rio do Sinos.

A escolha da região nas margens do rio do Sinos, para receber a instalação do empreendimento da Feitoria é devida a fertilidade do solo, gerando a possibilidade de diversos cultivos. A escolha das terras na margem direita, usando a dinâmica de ciclo hídrico da várzea do rio e instruindo que na margem, esquerda na encosta com a serra para a criação de rebanhos. Algumas hipóteses apontam a preocupação do governo com as invasões da Espanha no território ao longo da fronteira, assim como a valorização das terras próximas a Feitoria de atores que eram influentes na administração da coroa portuguesa.

Com objetivo de gerar pressões sobre os recursos naturais, obrigou a coroa portuguesa a necessidade de diversificar os cultivos agrícolas e produzir a fibra para fins comerciais no Brasil e Portugal. O empreendimento imperial se beneficiaria da mão de obra escrava para produzir velas e cordéis de navios, produtos utilizados nas navegações, sendo o principal sistema de transporte da economia mundial, e substituindo as importações destes artefatos marítimos de alguns países do continente europeu, tais como Espanha, França e Império Russo. O linho era para navegação que o petróleo é hoje para indústria. Em 22 de setembro de 1788, feitores e escravos partem do porto de São Caetano ao norte de Rio Grande, em direção às terras da Faxinal do Courita.

Ao fazer uma análise da lista de escravos transferidos da feitoria de Canguçu em direção a Faxinal do Courita, revela alguns aspectos notáveis. Inicialmente, destaca-se a presença significativa de mulheres entre o contingente de escravos transferidos. Isso pode ter implicações tanto na estrutura de trabalho quanto nas relações familiares dentro da comunidade de escravos. Algumas contextualizações dos dados de registros da transferência dos cativos de Canguçu:

Tabela 4: Lista de escravizados na transferência dos proprietários da Feitoria de Canguçu para Faxinal Courita

Escravizados de confisco
Lourenço Sadino
Caetano Sandino
Matheus novo
Debolo
Manoel Ganguela
Domingos Debolo
Domingos Muhumbe
Antonio Camondongo
José Muhumbe
Manoel Ganguela
Hum Negro pro baptizar
Hum Moleque por baptizar

Escravizadas
Luzia Sadina
Luzia nova Benguela
Josefa Ganguela
Anna Ganguela
Joanna Muhumbe
Maria Ganguela
Maria Ganguela
Maria Songo
Suzana Ambana
Domingas Camange
Anna Congo
Maria Congo
Maria Benguela
Joanna Angola
Maria Benguela
Maria Benguela
Thereza Angola
Francisca Benguela
Maria Ganguela
Maria Benguela
Maria Ganguela

Fonte: Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

A análise dos dados que os registros históricos oferecem uma perspectiva sobre a interação entre a escravidão transatlântica e os princípios cristãos. A diversidade de origens étnicas e geográficas dos escravos, evidenciada por seus nomes, tais como Benguela, Angola e Congo, destaca a amplitude do comércio de escravos e o impacto da diáspora africana. Conjuntamente, a presença de nomes cristãos, sugere a imposição da fé cristã sobre os escravos, apontando para um processo de assimilação cultural e religiosa após sua chegada às Américas, ressalta a diversidade étnica e cultural das populações africanas trazidas como escravas para a região.

Em relação aos dos nomes dos escravizados revela uma diversidade de origens étnicas e geográficas, com referências específicas a locais como Benguela, Angola, Congo, entre outros. Isso ressalta a complexidade da escravidão transatlântica, que envolveu a captura e transporte de indivíduos de diversas regiões africanas. Esses sobrenomes carregam consigo vestígios da ancestralidade e das identidades culturais das diferentes regiões de origem, demonstrando a complexidade das origens dos escravos e a diversidade de suas tradições. A inclusão de escravizados de ambos os sexos na lista reflete a realidade da escravidão, onde as mulheres desempenhavam uma variedade de papéis no sistema escravocrata. Além dos nomes individuais, a menção de "Hum Negro por baptizar" e "Hum Moleque por baptizar" indica escravizados que ainda não haviam sido batizados, sugerindo a prática comum de batismo após a chegada, muitas vezes como parte do processo de assimilação cultural e religiosa.

Por fim, a menção de que o primeiro nome de batismo era de origem cristã e portuguesa destaca a influência da religião e da cultura europeia na vida dos escravos, bem como a imposição de práticas cristãs sobre suas crenças tradicionais africanas. A presença de nomes cristãos como Luzia, José, Maria, Anna, Domingos, reforça a influência do cristianismo sobre os escravizados, sugerindo sua possível conversão e batismo após sua chegada às Américas. A observação da repetição de nomes, como Maria Ganguela e Maria Benguela, levanta questões sobre possíveis relações familiares ou a presença de múltiplos indivíduos com nomes semelhantes, destacando dinâmicas sociais dentro da comunidade escravizada. Esses aspectos revelam o caráter multifacetado da experiência da escravidão naquela época e a interação entre diferentes culturas e sistemas de crenças dentro da comunidade de escravos transferidos.

2.1 O PAPEL DOS ATORES NEGROS NO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL DO VALE DO SINOS

O modelo de desenvolvimento econômico implementado nas feitorias durante o período colonial no sul da colônia, reflete a estratégia adotada pelos colonizadores portugueses diante dos desafios geográficos e climáticos. A busca por espaços geográficos considerados vazios, o pensamento militar estratégico de proteção territorial, a necessidade de matéria prima para indústria naval, e a fertilidade do solo numa região de várzea e o desenvolvimento econômico em áreas de clima temperado, demonstra a interconexão entre as decisões econômicas e as condições ambientais.

A opção pelo modelo de produção plantations revela uma abordagem estratégica em que o uso da mão de obra escrava foi instrumentalizado para otimizar a produção em áreas consideradas "vazias". Esta prática, embora impulsionada pela lógica de produção e capital da época, teve impactos significativos na transformação da região. Ao compreender a inter-relação entre espaços vazios, produção econômica ligada a zonas climáticas e o uso da mão de obra escrava, é possível relacionar as complexidades do desenvolvimento regional no sul do Brasil durante o período colonial, lançando uma reflexão sobre as escolhas estratégicas dos colonizadores e suas repercussões na transformação do espaço geográfico.

Os núcleos até então produtivos na província meridional, utilizavam a mão de obra negra, como base determinante para a produção, os modelos de empreendimentos como as Charqueadas e a extinta Feitoria de Canguçu, são exemplos da dinâmica econômica que moldou não apenas a estrutura produtiva, mas também as relações sociais e o próprio espaço geográfico. A criação diária do espaço por meio das atividades ressalta o papel da pessoa que realiza tais ações, conhecida como ator ou agente. Essa pessoa, ao vivenciar sua jornada cotidiana, não só molda a si mesma, mas também influencia o ambiente ao seu redor, tanto em termos tangíveis quanto em representações simbólicas. O ator ou agente, como protagonista das ações intencionais, incorpora elementos do seu modo de vida e das habilidades práticas, que, em conjunto com uma variedade de interações sociais, resultam em uma complexa tomada de decisões.

Nesta análise teórica, o indivíduo geográfico é abordado através da integração das teorias sobre a produção do espaço de Lefebvre (2013), as práticas cotidianas de Certeau (2009) e o conceito de ator/agente (juntamente com ideias como a coprodução entre espaço e sujeito). Os atores não seguem uma trajetória linear e uniforme.

De acordo com Dubar (2004):

[...] agente, ator e sujeito seriam modalidades, senão formas identitárias, que compõem a identidade social dos indivíduos. Ou melhor, “traduzem denominações diferentes que serão consideradas distintas maneiras do fazer sociológico” (científico)[...] (DUBAR, 2004, p. 57)

A presença dos primeiros atores/trabalhadores negros na região do vale do rio dos sinos é datada em torno de 1788, dentro de uma linha temporal, antecede também o início da colonização germânica na região. O desenvolvimento econômico resulta de decisões tomadas em momentos decisivos por atores que dispunham de domínio do que estava acontecendo e de instrumentos apropriados para levar adiante seus propósitos. Além da produção do Cânhamo, os trabalhadores negros eram os responsáveis pela produção de uma lavoura de subsistência.

Segundo Frutado (1974, p.75), afirmar que a ideia de desenvolvimento econômico é um simples mito. Na sua obra fica enfatizado como o subdesenvolvimento seria causado estritamente por condições internas daqueles países, especialmente por atraso técnico de produção e menor acumulação de capital. As indecisões administrativas por parte do governo, as desobediências e o não cumprimento das normativas pelo inspetor permitiam que os escravizados fossem impondo sua própria administração. O significado dessa administração era que os cativos ou indivíduos que foram forçados à escravidão, cansando-se mais do trabalho de suas roças do que na cultura do Cânhamo e com o produto de suas lavouras faziam negociações, chegando ao ponto de obterem a permissão com ampla liberdade para a compra de cavalos próprios.

A Casa da Feitoria (Real Feitoria do Linho-Cânhamo), foi construída para abrigar os escravizados que trabalhavam na produção de cordas. O fracasso do projeto de desenvolvimento da Feitoria, estaria relacionado a ação de alguns atores e a desorganização administrativa do governo

Figura 4: Prédio da Feitoria do Linho e Cânhamo – São Leopoldo



Fonte: IPHAE - 2010

O declínio na produção do Linho e Cânhamo, foi atribuído a comercialização dos produtos sem controle do governo, as discórdias entre escravizados e os inspetores, obrigou o governo a repensar o empreendimento. A Feitoria foi extinta em 1824, quando suas terras foram designadas para os imigrantes alemães que chegavam à Província de São Pedro por determinação do governo imperial. De acordo com Allgayer (2205, P.80), os registros históricos apontam que a maioria das famílias em torno 321 escravos foram enviados para a Real Fazenda do Rio de Janeiro, atendendo as ordens do Secretário de Estado José de Carvalho e Mello, datadas de 31 de março de 1824. Os demais cativos fugiram e alguns permaneceram auxiliando na medição das terras que seriam entregues aos colonos imigrantes.

2.2 OS IMIGRANTES ALEMÃES RECORREM AO SISTEMA ESCRAVISTA

Nos estágios iniciais da ocupação alemã, os imigrantes enfrentaram restrições financeiras que os impediram de adquirir escravizados. No entanto, assim que as condições permitiram, muitos deles aderiram ao sistema escravagista. Registros históricos destacam que alguns imigrantes alemães se tornaram proprietários de escravizados.

Isso ressalta a ausência de legislação que proibisse os imigrantes de escravizarem negros. Além disso, é interessante notar que os registros de batismo da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana e outras congregações luteranas e católicas incluem o batismo de Sklavenkinder, ou seja, filhos de escravizados.

De acordo com Moreira e Mugge (2014):

Algo que chama atenção no levantamento dos batismos escravos no território da ex-colônia alemã de São Leopoldo, é que, por diversas vezes, pastores protestantes registravam os cativos dos membros de sua comunidade religiosa com os sobrenomes de seus senhores. (MOREIRA e MUGGE, 2014, P.80)

Esse fenômeno revela uma interessante dinâmica de sincretismo religioso, onde os senhores de escravizados, de origem alemã, conferiam nomes alemães aos escravos, mesmo dentro do contexto religioso e combinando a relação de propriedade e controle do corpo e trabalho dessas pessoas. Analisando as relações com os imigrantes alemães, o empreendimento imperial da colônia de São Leopoldo, aponta e registros históricos que quando chegaram os primeiros núcleos de imigrantes alemães que usufruíram da mão de obra escrava, gerando um sistema lucrativo para implementação da colônia e anos mais tarde essa mão de obra, estava presente no sistema de produção do couro, curtumes e nos processos artesanal/fabril, setores que contribuem para o desenvolvimento da economia da região.

A busca pelo resgate e compreensão da dívida social e histórica gerada com o povo negro é uma tarefa complexa, árdua e necessária. A invisibilidade que permeia a memória negra, seja na arte, literatura, história ou em outros segmentos, resulta no apagamento de suas contribuições e protagonismo, relegando-o a um papel periférico, como frequentemente retratado. O processo histórico consolida essa invisibilidade social, territorial e cultural. Ao analisar recortes do contexto histórico e socioespacial no período colonial, torna-se possível interpretar o presente atual. Combater a invisibilidade implica reler o período colonial, que retratou a escravidão e o negro como figuras secundárias, não reconhecendo seu papel como desbravador e empreendedor.

A contribuição do povo negro para o desenvolvimento econômico e cultural durante a formação da província gaúcha, sendo as charqueadas e as feitorias os únicos modelos de empreendimento analisados neste capítulo, não podem ser esquecidos ou pagados da memória das futuras gerações. A escravidão não foi branda, ocasionou a desorganização da população negra, oriunda de outro continente, privada de todos os direitos. A região do Vale dos Sinos não pode ser retrata sua formação a partir da

colonização europeia. É fundamental romper esse rótulo de invisibilidade e as imposições de cultura/colonização de um único grupo étnico.

A supremacia da elite branca sustenta esse apagamento, tornando o negro invisível nesse cenário. O romper com o pensamento colonial e suas falsas representações é um caminho a percorrer na luta por políticas públicas que o Estado brasileiro precisa revisar, criar e implementar. O desafio de compreender a formação do espaço e a contribuição que homens, mulheres e crianças geraram com sua força produtiva de trabalho requer o reconhecimento de todo esse trabalho. O rótulo da região de ser o berço da colonização alemã, que idelogicamente foi imposto no território que pertence ao Vale do Rio dos Sinos, torna-se aparecer que a etnografia africana e suas relações no município sejam inexistentes.

A invisibilidade das ações sociais, acabou gerando um esquecimento da contribuição do negro na organização do espaço e na formação do território e ocasionando uma desvalorização cultural. O conceito de invisibilidade a partir de Oliven (1996), que, ao analisar a construção da identidade regional gaúcha, chama a atenção para a invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul, sobretudo, assinalando tanto a exclusão quanto a valoração negativa da imagem do negro nas narrativas literárias, sociológicas, historiográficas e folclóricas. A leitura acerca da invisibilidade social e simbólica do negro, gera a compreensão dos mecanismos de esquecimento à memória do trabalho na região. Mesmo com a dificuldade de encontrar registros oficiais sobre o uso da mão de obra negra no início da industrialização do setor calçadista no Vale do Rio Sinos, alguns fragmentos de outras biografias informam as relações entre o trabalho negro no setor do couro da região. Podemos analisar à condição em que as pessoas negras são negligenciadas, subestimadas ou excluídas nas esferas sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade.

Em referência à própria memória do mundo do trabalho para a formação da sociedade rio-grandense, não se pode esquecer que a indústria do charque (carne seca) no Rio Grande do Sul, iniciada no final do século XVIII, tinha como sustentáculo a mão de obra escrava. Um fator determinante na utilização da mão de obra escrava em todas as atividades que envolviam a lida com o animal, desde o pastoreio, abatimento, a salga da carne, bem como o aproveitamento do couro para a fabricação de utensílios, objetos diversos, artigos de vestuário e calçado. A mão de obra negra

detinha as técnicas de trabalho nas primeiras etapas da cadeia produtiva do couro, atividades que o imigrante não realizava nesse momento.

O Vale do Rio dos Sinos, entretanto, passou a sediar a grande maioria dos empreendimentos coureiro-calçadistas. Na colônia de São Leopoldo, a produção de artefatos de couro, levando em conta a pauta de exportação de São Leopoldo, concentrava-se, inicialmente, na fabricação de lombilhos sendo que entre 1842 a 1857, os produtos usados nos sistemas de transportes, representavam o de maior peso monetário. O desaparecimento das narrativas históricas gera consequências atuais dessa invisibilidade e marginalização do povo negro na região. A desigualdade socioeconômica persistente, discriminação racial, acesso limitado a oportunidades educacionais e econômicas para essa comunidade. A importância de reconhecer e celebrar a diversidade étnica e cultural na formação da região que desempenharam papéis significativos no desenvolvimento histórico e cultural.

Ao encontro que Cunha (2020) descreve que a população negra o século XX representou uma dupla transição. A longa e penosa transição entre a produção do escravismo criminoso e a sociedade do capitalismo racista e também a transição entre o mundo rural e o urbano. Ambos os processos em presença do racismo antinegro estrutural. Racismo antinegro definido com uma forma de controle social e de dominação da população negra pela elite branca. No racismo estrutural os principais mecanismos foram a desqualificação social de tudo que tivesse relação com a população negra e a criminalização pelo estado dos seres negros. A ciência foi utilizada para declarar a população negra como propensa ao crime e culturalmente incapaz de assimilar a civilização.

Por fim, ações concretas que podem ser adotadas para enfrentar essa invisibilidade e promover a inclusão do povo negro na narrativa histórica e social. É necessário a compreensão do impacto histórico e contemporâneo da presença do povo negro, isso pode incluir iniciativas educacionais, programas de conscientização, apoio a organizações comunitárias e esforços para preservar e promover a história e a cultura afro-brasileira na região. Portanto, pode-se afirmar que a presença da mão de obra escrava foi a base para o desenvolvimento econômico, deixando um legado histórico marcante na formação da região.

3. TRILHANDO O PASSADO, MOLDANDO O PRESENTE: O PAPEL DOS TRABALHADORES NEGROS

A construção do conceito socioespacial da área de estudo, enfatiza a necessidade de cartografar a memória destes espaços de trabalho, reafirmar o resgate sobre uma reflexão do uso crescente de objetos cartográficos como instrumento de luta por movimento e articulações de movimentos sociais. Os objetos cartográficos estão sendo utilizados como leituras (sociais) do território que são confrontadas aos oficiais e de atores hegemônicos, mas também como instrumento de fortalecimento de uma identidade social que também ajuda a construir a própria realidade. (Santos, 2002). O seu pensamento reflete na contextualização do espaço e sua totalidade, seus conjuntos de relações realizadas através de funções e formas apresentadas historicamente por processos tanto do passado como do presente, analisando suas possibilidades, categorias e suas as relações sociais. O espaço é um verdadeiro campo de forças onde a formação é desigual. É por isso que a evolução espacial não ocorre de maneira uniforme em todos os lugares.

De acordo com Santos (1978):

[...] O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, o espaço evolui pelo movimento da sociedade total [...]. (SANTOS, 1978, p. 171).

Em determinados momentos que a história vai se fazendo, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens, a configuração do territorial que é resultado de uma produção histórica e tende a negar a natureza natural, gerando a substituição por inteiramente humanizada. Segundo Santos (2002, p. 63), a definição que cabe a geografia estudar o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações que formam o espaço, sendo ele solidário e também contraditório de sistemas de objetos e ações, não sendo considerados isolados, mas único no quadro único de sua história.

Ao analisar o espaço através da periodização do tempo ou sistema temporal, conforme Santos (2002, P.38), é necessário encontrar, através da história, seções de tempo, um conjunto de variáveis que mantém um certo equilíbrio, forma de relações.

A evolução dos espaços do bairro/rua, onde se localizava essa cadeia de produção ou aglomerado industrial, é possível analisar, contextualizar o espaço e a periodização dentro da história, considerando sua totalidade.

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1978, p. 122).

A distribuição da indústria do couro, estando articulada e apoiada com o capital oriundo de algumas famílias de imigrantes alemães. A concentração de industrial em Novo Hamburgo na rua denominada – Rua do Curtume, direciona o primeiro núcleo industrial do estado. Apoiado na herança do sistema colonial do escravismo nas etapas das atividades relacionado ao couro, o uso de trabalhadores com salários baixos realizando diversas funções no setor. O controle político exercido sobre os meios de produção do setor coureiro, ocasionou a necessidade de transportar a matéria prima e a produção, interligando os centros consumidores. A introdução da ferrovia na região, escoou a produção de Novo Hamburgo para Porto Alegre. A modernização do transporte é uma condição para difusão do modelo econômico desenvolvido, o mesmo deslocamento facilita a produção gerada nesse núcleo sendo um aspecto importante para o setor, sendo contraditório ao analisar o deslocamento dos trabalhadores dos bairros de residência até a indústria, sendo esse percurso ocorria a pé. O espaço com uma evolução social, gerando segregações de objetos.

No contexto histórico do Rio Grande do Sul, a ascensão da indústria de curtumes remonta a um período de forte influência europeia e imigração em massa para a região. No século XIX, a economia gaúcha estava associada à pecuária, da qual a pecuária era uma das principais atividades. Segundo Allgayer (2005) o quadro estatístico demográfico de 1883, nas colônias de Sapucaia, Portão e Capela de Santana, localizadas no Vale do Rio dos Sinos, possuíam o maior número de escravos nas fazendas. Com a expansão da pecuária, principalmente nas áreas do Pampa e da Campanha Gaúcha, houve uma crescente demanda por produtos de couro. O couro era um recurso valioso, utilizado na fabricação de artigos como selas, arreios, calçados e vestuário, tanto para uso local quanto para exportação. Nos estágios iniciais, os primeiros curtumes eram modestos e utilizavam métodos de curtimento

tradicionais, muitas vezes rudimentares. Nesse cenário, a mão de obra negra desempenhava um papel essencial nos processos mais rudimentares dos curtumes.

A força produtiva realizada por trabalhadores negros era frequentemente envolvida em tarefas árduas e fisicamente exigentes, como a preparação inicial das peles, a limpeza e o manejo dos couros. Esses trabalhadores, provenientes das regiões circunvizinhas, como o município de Pelotas, que historicamente abrigava charqueadas, desempenhavam funções vitais nos estágios iniciais do processamento do couro. Contudo, é crucial destacar que, apesar de sua contribuição fundamental para a indústria de curtumes, a mão de obra negra frequentemente enfrentava condições de trabalho precárias e recebia remunerações desproporcionais em comparação com outros grupos étnicos.

Figura 5: Curtume Momberger - 1926 - Novo Hamburgo



Fonte: Fundação Scheffel

Com o decorrer do tempo, especialmente a partir da segunda metade do século XIX, houve um processo de modernização e industrialização dos curtumes. A introdução de técnicas de curtimento mais avançadas e o uso de maquinário mais eficiente contribuíram para o aumento da capacidade de produção e qualidade dos produtos de couro. Com isso, houve uma transformação nas dinâmicas de trabalho nos curtumes, embora a mão de obra negra continuasse a desempenhar um papel significativo, especialmente nos estágios iniciais do processo.

Para Santos (1979), quando se considera a organização social do espaço, é possível entender o espaço e a natureza como conceitos interligados, especialmente se concebermos a natureza como uma instância que sofre transformações pela ação humana.

O espaço reproduz a totalidade através das transformações determinadas pela sociedade, modos de produção, distribuição da população, entre outras necessidades, desempenham funções evolutivas na formação econômica e social, influencia na sua construção e também é influenciado nas demais estruturas de modo que torna um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos (SANTOS, 1979, p.10).

O processo de curtimento de couro é uma série de etapas que visam transformar a pele animal em um material resistente e durável. Iniciando-se com a remoção de pelos e gordura, a pele é meticulosamente limpa para eliminar impurezas. Em seguida, ocorre o descarne, no qual a camada superior da pele, a epiderme, é removida, deixando apenas a derme, que será submetida ao curtimento. Esse estágio essencial envolve a aplicação de substâncias como o tanino, que estabilizam as fibras da pele, evitando a decomposição e conferindo-lhe flexibilidade. Após o curtimento químico, o couro pode passar por processos adicionais, como amaciamento e tingimento, para aprimorar suas características. O amaciamento visa tornar o material mais maleável, enquanto o tingimento permite a obtenção de cores específicas. O processo culmina com o acabamento e secagem do couro. Nessa fase, o material é esticado e seco para remover a umidade residual.

Ademais, procedimentos como polimento e aplicação de produtos especiais são realizados para realçar sua durabilidade e aparência. Assim, o curtimento de couro representa um conjunto complexo de etapas que transformam a pele bruta em um material valioso, resistente e versátil, amplamente utilizado em uma variedade de produtos devido à sua durabilidade e apelo estético. Estas são as etapas principais do processo de curtimento do couro, que podem variar dependendo da técnica utilizada, do tipo de couro desejado e das especificidades de cada curtume.

É também inserido na região como recurso para otimizar a produção a Acácia-negra (*Acacia mearnsii*), é uma árvore nativa da Austrália, mas que se adaptou amplamente em várias regiões do mundo, incluindo o Brasil. Reconhecida por suas características distintas, como o rápido crescimento e sua habilidade de prosperar em variados tipos de solo e clima, essa árvore é notável pela produção significativa de taninos. A principal aplicação da Acácia-negra está associada à extração de taninos de suas cascas, que são notavelmente ricas nessa substância. O tanino obtido é fundamental em diversos processos industriais, principalmente no curtimento de couro. Além disso, a madeira proveniente da Acácia-negra tem sua valorização em algumas localidades, sendo empregada na marcenaria, produção de carvão e fabricação de móveis.

No entanto, apesar de suas vantagens econômicas, a introdução da Acácia-negra em algumas regiões pode ser controversa devido ao seu potencial invasivo, competindo com espécies nativas e alterando ecossistemas locais, outros problemas ambientais relacionados à sua disseminação descontrolada, sendo também responsável por diversos impactos a saúde de trabalhadores que estão exposto ao alto grau de concentração em períodos prolongados. A percepção da contaminação gerada por esses resíduos, seja o processo do couro ou o cultivo de Acácia, nos trabalhadores e os seus efeitos para o meio ambiente decorrentes das atividades de produção de couro, que resultavam na contaminação do Rio dos Sinos, seriam alertados décadas depois, desde 1980, pelo ambientalista Roessler (1957), conforme descrito na crônica intitulada “O Rio dos Sinos é um esgoto!”.

Esse registro evidencia as consequências da insalubridade gerada por tais processos industriais, enfatizando a importância de considerações ambientais e de saúde pública na análise histórica e contemporânea das atividades industriais da região. O ambientalista destacou que, especialmente durante o verão, quando o volume das águas diminui, o rio atinge um nível de saturação tão elevado de matérias orgânicas, fezes, resíduos industriais e ácidos tóxicos que não apenas os peixes, mas até mesmo o consumo ou um simples banho no rio se tornam perigosos para a saúde.

A crítica incisiva do cronista foi direcionada à impunidade desfrutada pelos curtumes privilegiados e empresas poluentes, que consistentemente se recusavam a cumprir as intimações para tratar seus detritos antes de despejá-los nos rios. Eles frequentemente solicitavam prazos adicionais para cumprir a legislação, pediam a suspensão dela ou sugeriam a adoção de dispositivos de baixo custo. Conforme destacado por Roessler, "suas queixas eram atendidas e, assim, eles alcançavam seu principal objetivo era ganhar tempo:

[...]porque, após as chuvas, quando o volume de água no rio aumenta, naturalmente diminui o índice de contaminação". Essa estratégia permitia que as indústrias se esquivassem das responsabilidades ambientais de forma temporária, aproveitando-se das variações sazonais do rio para mascarar a extensão da poluição despejada [...]. (ROESSLER, 1957, JORNAL CORREIO DO POVO)

A presença da mão de obra negra nos processos rudimentares dos curtumes não apenas foi crucial para o desenvolvimento inicial da indústria de couro na região,

mas também destaca as dinâmicas sociais e econômicas desiguais presentes nesse contexto histórico. As contribuições fundamentais desses trabalhadores frequentemente foram subestimadas e relegadas a funções mais árduas e menos valorizadas, ilustrando a disparidade de oportunidades e o tratamento desigual enfrentado por diferentes grupos étnicos na história da indústria de curtumes no Rio Grande do Sul.

A transformação econômica na região, principalmente impulsionada pela indústria coureira e a pecuária, presenciou mudanças profundas com o advento da economia proveniente da mineração. Se antes a atividade pecuária era mantida com uma rentabilidade notavelmente baixa, especialmente em comparação com outras regiões, a ascensão da economia mineira desencadeou uma valorização rápida das regiões de produção de gado. Os preços, que permaneceram historicamente baixos, testemunharam picos excepcionais em ocasiões específicas, refletindo uma dinâmica econômica singular na transição de um modelo de subsistência para um mercado mais abrangente. Essa evolução, entrelaçada com a transição do trabalho escravo para uma força produtiva livre, encontra registros da participação dos negros nos curtumes, ilustrando uma mudança social marcante na região.

Segundo Santos (1979), as formas perduram como legado das antigas divisões do trabalho, enquanto novas formas surgem em resposta às necessidades funcionais das atuais divisões do trabalho. Estas formas, que ao longo da história do país, região ou localidade, adquirem significados distintos, representam a acumulação temporal e sua interpretação está relacionada ligada às configurações passadas das divisões do trabalho.

[...] a sociedade evolui no tempo e no espaço. O espaço é o resultado dessa associação que se desfaz e se renova continuamente, entre uma sociedade em movimento permanente e uma paisagem em evolução permanente. [...] Somente a partir da unidade do espaço e do tempo, das formas e do seu conteúdo, é que se podem interpretar as diversas modalidades de organização espacial. (SANTOS, 1979, pp. 42-43).

As forças de trabalho exploradas, impulsionaram as economias coloniais em favor das metrópoles colonizadoras. Os curtumes em Novo Hamburgo eram altamente dependentes da mão de obra dos trabalhadores negros para o processamento do couro. Muitos desses trabalhadores migraram de Pelotas, uma região onde as charqueadas predominavam no século XIX. Inicialmente, eles encontraram mais

oportunidades de emprego nos curtumes do que nas fábricas de calçados, já que o acesso ao emprego nessas últimas era mais restrito para essa comunidade.

Em relação a esse momento de impulso econômico e industrial a historiadora Nunes (2009) ressalta que:

Opondo-se à imagem da “desorganização administrativa da província” e perseverando a imagem da etnia alemã como aquela que foi capaz de transformar a paisagem do Vale do Rio dos Sinos, antes uma “senzala de escravos”, numa “colônia de livres”, consolida-se, assim, para Novo Hamburgo, em particular, a visão da “Manchester brasileira”. A partir de sua autonomia política, em 1927, Novo Hamburgo se afirma gradativamente como polo industrial e urbano na região, território de opulência e abundância, onde os apitos das fábricas soavam como um hino. Esta imagem forte faz com que a cidade seja reconhecida, ainda hoje, em meio a um violento processo de desindustrialização, como a capital brasileira do calçado, cuja produção até meados do século XX abastecia o mercado interno brasileiro, um panorama que se amplifica quando, na década de 1970, volta-se ao mercado internacional, ocupando nele um papel expressivo até a virada do século. (NUNES, 2009, p.26)

Embora a utilização da mão de obra negra tenha sido crucial para o desenvolvimento industrial local, essa força de trabalho estava frequentemente confinada a tarefas insalubres nos curtumes. Enquanto isso, imigrantes alemães predominavam em fases mais valorizadas da produção, como a fabricação de calçados. Essa clara divisão na força de trabalho não apenas refletia uma segregação laboral, mas também social, perpetuando desigualdades entre grupos étnicos na região.

Essa configuração complexa estabeleceu bases para um desenvolvimento industrial desigual, onde a mão de obra negra enfrentava condições difíceis, enquanto os imigrantes alemães desfrutavam de melhores oportunidades. Isso revela não apenas disparidades econômicas, mas também desigualdades estruturais enraizadas na história industrial da região.

Figura 6: Funcionários do curtume Ludwing - 1922



Fonte: Fundação Scheffel

A distribuição da indústria do couro, conectada ao capital financeiro de algumas famílias de imigrantes alemães, concentrou-se na localidade de Hamburgo Velho, hoje cidade de Novo Hamburgo, especificamente na Rua do Curtume, constituindo o primeiro núcleo industrial do estado. Inspirada na herança do sistema colonial escravista, a cadeia produtiva do couro empregava trabalhadores com salários baixos em diversas funções do setor. O controle político sobre os meios de produção do setor coureiro exigia o transporte da matéria-prima e da produção, conectando os centros consumidores.

A introdução da ferrovia na região facilitou o escoamento da produção de Hamburgo Velho (Novo Hamburgo) para Porto Alegre. A modernização do transporte era condição essencial para a disseminação do modelo econômico desenvolvido; no entanto, esse deslocamento facilitado contrastava com a jornada dos trabalhadores desde seus bairros de residência até a indústria, geralmente realizada a pé. Esse desenvolvimento do espaço gerou segregações de objetos e uma evolução social complexa. Em relação à memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo, a pesquisadora Nunes (2009) se concentra, principalmente, em narrativas que evidenciam os protagonismos, desigualdades e contribuições dos negros e negras na sociedade. Essas narrativas destacam especialmente o mundo do trabalho durante a transição do século XIX para o XX e até meados deste último, instigando reflexões

sobre as escassas oportunidades de emprego para os negros no Rio Grande do Sul e sua busca por oportunidades no Vale do Rio dos Sinos.

O pensamento de Lefebvre (1970), sobre o desenvolvimento de sua teoria da produção do espaço social e do tempo social a partir do conceito que: Espaço (social) é um produto (social). Sendo necessário, antes de tudo, romper com a concepção generalizada de espaço, imaginado como uma realidade material independente, que existe em “si mesma”. Contra tal visão, Lefebvre, utilizando-se do conceito de produção do espaço, propõe uma teoria que entende o espaço como fundamentalmente atado à realidade social - do que se conclui que o espaço “em si mesmo” jamais pode servir como um ponto de partida epistemológico. O espaço não existe em “si mesmo”. Ele é produzido.

Segundo Lefebvre (1973), habitar é apropriar-se de um espaço, é também fazer frente aos constrangimentos, quer dizer, é o lugar do conflito agudo entre os constrangimentos e as forças de apropriação. A segregação socioeconômica e seu fenômeno de afastamento, seguindo os pressupostos de Lefebvre ao analisar tal processo através do avanço das forças produtivas e do aprofundamento da divisão social e técnica do trabalho. A separação e oposição campo-cidade acompanha o processo de divisão social do trabalho (separação em classes), se revelando em divisão socioespacial, além de corresponder “à separação entre trabalho material e intelectual, e por conseguinte entre natural e espiritual” (Lefebvre, 1991, p. 36).

Refletindo o conceito de espaço de Lefebvre em relação as estratégias utilizadas pelos países desenvolvidos não beneficiavam os interesses locais. Os países que hoje são desenvolvidos usaram o modelo escravista, a pirataria e o trabalho infantil, a contaminação ambiental, foram estratégias que beneficiaram os países desenvolvidos. Nesse contexto de desenvolvimento, é possível perceber as relações sociais entre os atores que iniciaram a ocupação e o desenvolvimento econômico da região. A utilização da mão de obra escrava em diferentes períodos, foi uma estratégia de organização desses territórios coloniais. Na maneira como originou os empreendimentos no Vale do Sinos, sendo que não existiu um desenvolvimento que beneficiasse os povos marginalizados e sim os interesses de uma classe social, ocorrendo uma desorganização dos povos indígenas e africanos, inseridos dentro de um contexto do imigrante europeu. Além da presença alemã e das conseqüentes manifestações culturais que destacam essa influência, a história

regional apresenta uma diversidade complexa de grupos étnicos que também contribuíram significativamente para a formação sociocultural.

No entanto, a visibilidade desses grupos, particularmente aqueles que já habitavam a região antes dos imigrantes alemães e mesmo após a abolição da escravidão, frequentemente foi obscurecida ou minimizada nos relatos historiográficos. A pluralidade étnica e suas influências nas dinâmicas sociais e culturais, antes e depois dos períodos migratórios, permanecem subestimadas, clamando por uma revisão mais inclusiva e abrangente da história regional.

3.1 CONTRIBUIÇÕES INVISÍVEIS NA PAISAGEM

A paisagem é um objeto em constante transformação, resultado da evolução técnica de uma determinada época. A configuração da paisagem é condicionada pela técnica em interação com uma variedade de fatores econômicos, culturais e ambientais. Ao examinarmos a rugosidade da periodização nos estágios iniciais do núcleo industrial coureiro-calçadista, tornar se evidente que certos elementos da paisagem persistem, como a arquitetura dos edifícios e imóveis. A análise dos elementos passíveis de abstração revela os processos subjacentes que originaram as transformações na paisagem, criando um espaço dialético (Santos, 1985, p. 73).

Figura 7: Margens do arroio Luiz Rau - Curtume Jaeger



Fonte: Instituto Scheffel

Ao contextualizarmos a rua General Osório no bairro Hamburgo Velho, em Novo Hamburgo, torna-se possível identificar tanto sua configuração geográfica, ou seja, o trabalho morto, quanto a dimensão do trabalho vivo, segundo Santos (1985, p.

79). O núcleo industrial, situado próximo a um curso d'água, utiliza-se da funcionalidade da água em seu processo produtivo, descartando-a posteriormente no próprio curso hídrico como parte integrante do ciclo produtivo.

Os edifícios com estruturas em formato de pavilhões, situados em terrenos extensos, remontam à construção civil do século XVIII, período que absorveu significativa mão de obra negra. Este contexto pode ser comparado a um teatro com múltiplas cenas em exibição, sendo o homem o portador da memória. A relação intrínseca entre a paisagem e a história industrial revela não apenas o desenvolvimento técnico, mas também a interação complexa entre seres humanos e o ambiente construído. A rua General Osório, como exemplo, carrega consigo não apenas a história de uma geografia física, mas também a memória coletiva do trabalho vivo que moldou sua configuração. Os vestígios dessa interação entre homem e espaço tornam-se palpáveis na arquitetura remanescente e na configuração peculiar da área, estabelecendo-se como testemunhos silenciosos da evolução urbana. Além disso, o aproveitamento estratégico dos recursos naturais, como a localização próxima a um arroio, não apenas demonstra a relação utilitária entre homem e meio ambiente, mas também revela a adaptação inteligente das atividades industriais às condições locais.

Figura 8: Rua General Osório – Novo Hamburgo



Fonte: Ferreira - 2022

De acordo com as ideias apresentadas por Lefebvre (1970) a rua possui uma importância estética e de uma ética. Acumulação dos objetos acompanha a população segue a do capital, tornando se um espetáculo de objetos e símbolos.

[...] a rua não se trata simplesmente de um lugar de passagem e circulação. Na rua, teatro espontâneo, torno-me espetáculo e espectador, às vezes ator. Nela efetua-se o movimento, a mistura, sem os quais não há vida urbana, mas separação, segregação estipulada e imobilizada [...] (LEFEBVRE 1970, p.34)

A presença desses elementos físicos na paisagem industrial não só reflete o período histórico, mas também documenta a habilidade humana de se adaptar e utilizar recursos naturais para atender às demandas da produção e, ao mesmo tempo, deixar sua marca indelével na paisagem. O trabalho de campo realizado nesse espaço tornou-se uma ferramenta metodológica essencial para construir a observação e a percepção sobre a invisibilidade do negro no urbanismo. Essa invisibilidade se manifesta nos símbolos presentes em alguns prédios, onde é possível identificar nas grades de janelas, cercas, paredes e marquises, elementos ideográficos denominados de Adinkra, símbolos de origem africana, na qual o significado representa o símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro.

Figura 9: Símbolo de Sankofa



Fonte: Nascimento (2022, p.28)

A Sankofa, por exemplo, representa a transmissão do conhecimento das tradições dos povos africanos, sendo um antigo sistema de escrita esquecido pela cultura ocidental/europeia. Esse mecanismo de comunicação gráfica foi utilizado para preservar as tradições da região que hoje compreende Gana, situada na parte ocidental da África.

Figura 10: Símbolos de Sankofa representados no portão da rua General



Fonte: Ferreira- 2022

Após o período da abolição da escravatura, o negro e sua força de trabalho tornaram-se responsáveis pela construção arquitetônica de diversas cidades. A utilização de materiais como ferro e cimento, seguindo padrões arquitetônicos europeus, e a expansão da urbanização influenciaram as edificações das sociedades industriais. A mão de obra negra na construção civil do século XIX contribuiu com conhecimentos e valores para a arquitetura, muitos deles provenientes dos símbolos da cultura ancestral, transmitidos pela oralidade de alguns povos africanos. A arquitetura tornou-se, então, um cenário privilegiado para observar a vida social e suas narrativas do passado, preservando a memória desses povos e suas culturas.

De acordo com Gomes (2013. p.311), os espaços públicos urbanos desempenham um papel essencial na contestação dessas vozes, pois são locais de reconhecimento social, expressão de conflitos e aplicação das regras que regem esses temporários acordos de convivência. Essa abordagem conflituosa e invisível incita um olhar mais atento para as marcas e registros de uma identidade de grupos marginalizados e excluídos da sociedade. A presença dos símbolos e elementos culturais africanos na arquitetura urbana não apenas evidencia a contribuição histórica dos povos africanos na construção das cidades, mas também ressalta a resistência e resiliência cultural desses grupos diante das adversidades. As marcas e signos da cultura negra presentes na estrutura arquitetônica não são apenas elementos

estéticos, mas representam uma narrativa viva e constante da herança cultural que permeia o espaço urbano, desafiando a invisibilidade histórica desses legados.

Além disso, a análise crítica da arquitetura como um repositório de memórias e narrativas sociais oferece insights significativos para compreender as dinâmicas de poder, inclusão e exclusão na sociedade. Os espaços públicos urbanos, carregados de significados históricos e culturais, tornam-se palcos onde as vozes marginalizadas buscam ser reconhecidas e os conflitos sociais são expressos e contestados. A arquitetura, portanto, transcende sua função utilitária e se transforma em um meio para desvendar as camadas profundas da história social, revelando a complexidade das relações entre espaço, poder e identidade.

Ao analisar a paisagem geográfica da rua General Osório, revela-se uma complexidade resultante da variedade de empreendimentos presentes atualmente. O espaço é ocupado por setores diversos, abrangendo varejo, gastronomia, educação, indústria e residências. A especulação imobiliária, um fenômeno derivado do capital financeiro, evidencia-se na transformação do espaço urbano através da substituição de antigas fábricas de calçados por prédios e condomínios. A verticalização geográfica se destaca na paisagem, contrastando com edifícios antigos. A datação dos elementos na paisagem e suas dualidades fornecem recursos analíticos fundamentais para compreender as mudanças na paisagem ao longo do tempo.

Figura 11: Verticalização da paisagem na rua General Osório



Fonte: Ferreira - 2022

O espaço atual desempenha uma função diferente daquela do século passado. Anteriormente voltada à função industrial e circulação de operários, hoje a rua se

tornou um espaço comercial de caráter elitizado, onde a população operária negra tem acesso limitado aos serviços disponíveis. Conforme Lefebvre (197, p.36) argumenta, a rua converteu-se em uma rede organizada para o consumo. A velocidade da circulação de pedestres é determinada pela percepção das vitrines e pelo ato de compra. O tempo assume a característica de mercadoria, um tempo de compra e venda, adquirido e vendido. As marcas visíveis na rua são resultado da acumulação de capital, refletindo uma cena que abrange diferentes momentos no tempo, mas as forças produtivas presentes nesse espaço já não são as mesmas.

A rua General Osório, ao longo de sua transformação, tornou-se um microcosmo das dinâmicas socioeconômicas que moldam as paisagens urbanas contemporâneas. A transição da função industrial para um polo comercial elitizado não apenas alterou a estrutura física do local, mas também reconfigurou suas dinâmicas sociais. Essa metamorfose não é apenas um reflexo da especulação imobiliária e das mudanças econômicas, mas também destaca as discrepâncias sociais evidentes na distribuição desigual de acesso e utilização dos espaços urbanos.

A segregação socioeconômica reflete-se na própria paisagem, delineando um cenário onde a memória das atividades industriais é sobreposta por uma nova realidade, marcada pelo consumo e pela exclusão de determinados estratos sociais. A desigualdade percebida na ocupação e na vivência desse espaço urbano representa não apenas uma transformação física, mas também uma mudança nas dinâmicas sociais e culturais. A expropriação simbólica da rua General Osório é um reflexo do avanço do capital sobre os espaços urbanos, resultando em uma homogeneização que obscurece a riqueza das camadas históricas e culturais anteriormente presentes.

A narrativa visual dessa rua ecoa não somente a história da especulação imobiliária, mas também a história da desigualdade social, manifestada na reconfiguração da paisagem física e social. Nesse contexto, é imprescindível uma análise crítica das transformações urbanas, não apenas como uma evolução espacial, mas como um reflexo das estruturas sociais e econômicas subjacentes. O entendimento das relações entre espaço, poder, capital e identidade é essencial para uma abordagem holística das mudanças na paisagem urbana. A preservação da memória histórica e cultural desses locais, bem como a busca por políticas urbanas inclusivas, são fundamentais para criar espaços mais equitativos e que respeitem a diversidade cultural e social.

Em síntese, a rua General Osório representa um microcosmo das complexas relações entre economia, poder e identidade na configuração das paisagens urbanas contemporâneas. O estudo dessas transformações não só revela a dinâmica das forças socioeconômicas e culturais em jogo, mas também destaca a necessidade urgente de abordagens mais inclusivas e igualitárias na gestão e no planejamento urbano, visando a preservação da diversidade e memória cultural nos espaços urbanos.

3.2 INCLUSÃO E RESISTÊNCIA: A TRAJETÓRIA DE INTEGRAÇÃO DO NEGRO APÓS A ABOLIÇÃO

No imaginário do dia 14 de maio de 1888, como foram os primeiros dias pós assinatura da abolição da escravatura. Dentro desse cenário e fato histórico, há registros das festas e comemorações nas ruas, praças, senzalas e tabernas. O processo de liberdade significava a oportunidade de construir uma nova vida. A dura realidade que seria sentida em poucas horas foi exposta para os ex-escravizados.

O pesquisador Gomes (2019) descreve:

Aos poucos, porém, a dura realidade foi se impondo. Passadas as noites de festas e danças, os escravos perceberam que não havia para onde ir, ninguém lhes daria trabalho, grupos famintos e esfarrapados continuariam a perambular a esmolar de casa em casa, de fazenda em fazenda, em busca de comida e amparo. Outros se dirigiam aos centros de cidades e vilarejos, tentando encontrar algum amparo das autoridades, o que não aconteceu em lugar nenhum.' (GOMES, 2019, p.516)"

Essa nova realidade pós-abolição levou os ex-escravos a enfrentar condições de vida extremamente precárias. O deslocamento das famílias para as periferias das principais cidades do país ou o movimento sazonal entre áreas de plantio e colheitas se tornaram práticas comuns. No entanto, novas formas de exploração surgiram, mantendo práticas análogas à escravidão. O governo não implementou medidas estruturais para atender aos libertos, como indenizações devido aos serviços prestados, instrução ou acesso à educação. Ao contrário, a expressão 'vadiagem' foi associada a essas pessoas pelo governo pressionado pelos antigos senhores escravocratas, culminando em um projeto de exclusão não apenas econômica, mas também étnica e cultural

Conforme Allgayer (p. 182) relata, em 1888, o Rio Grande do Sul tinha pouco mais de 8 mil escravos beneficiados pela Lei Áurea, representando cerca de 0,89%

da população do estado. O governo gaúcho sob a administração de Azambuja Villanova optou por restringir a saída dos escravos de seus municípios, limitando-os a permanecer onde eram conhecidos e encontrariam emprego. Os atuais indicadores sociais evidenciam o abismo da desigualdade racial, resultado da segregação gerada pela falta de políticas de inclusão e integração do negro na sociedade. A dura realidade persiste no Brasil, refletindo uma herança histórica de exclusão que afeta profundamente as oportunidades e o bem-estar da população negra.

Essa nova realidade pós-abolição não apenas deixou os ex-escravos em condições extremamente precárias, mas também os relegou a papéis marginalizados na economia pós-abolição. Muitos encontraram ocupações na mão de obra rural, trabalhando nas plantações ou em serviços braçais, mas frequentemente sujeitos a condições análogas à escravidão, como longas jornadas de trabalho, baixos salários e ausência de direitos trabalhistas. Essa exploração contínua exacerbou ainda mais a exclusão territorial, empurrando grande parte da população negra para as periferias e áreas desfavorecidas das cidades, onde a infraestrutura e os serviços básicos eram precários ou inexistentes. As favelas e comunidades periféricas surgiram como resultado direto desse processo de exclusão territorial, configurando espaços segregados e carentes de investimento estatal.

Além disso, a ausência de políticas efetivas de inclusão social e econômica levou a altas taxas de desemprego entre a população negra, contribuindo significativamente para o desenvolvimento de um mercado de trabalho informal e precarizado. A falta de oportunidades formais de emprego levou muitos indivíduos a buscarem sustento no mercado informal, onde a segurança no trabalho e os direitos trabalhistas eram escassos, perpetuando um ciclo de vulnerabilidade econômica para a comunidade negra. Essas dinâmicas, herança histórica da escravidão e da marginalização pós-abolição, persistem até os dias atuais. A desigualdade racial continua a ser um dos maiores desafios sociais enfrentados pelo Brasil, refletida na disparidade de acesso a serviços básicos, oportunidades de emprego, educação e saúde entre a população negra e não negra. Essa realidade ressalta a urgência de políticas públicas que enfrentem as estruturas de exclusão e promovam uma sociedade mais justa e equitativa para todos os cidadãos brasileiros.

No contexto brasileiro, a persistência da desigualdade racial é um fator limitante para o desenvolvimento social e econômico do país. A desigualdade racial permanece uma realidade incontornável na sociedade brasileira contemporânea. A falta de

medidas efetivas para lidar com as consequências pós-abolição, combinada com a persistência de estereótipos e estruturas de exclusão, criou um cenário onde a população negra ainda enfrenta barreiras significativas em termos de acesso à educação, emprego digno, saúde e segurança. O racismo é sempre estrutural, ou seja, [...] ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. [...] é a manifestação normal de uma sociedade, e não é um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade” (ALMEIDA, 2019, p.20).

Segundo Almeida (2019), a perpetuação do racismo é viabilizada pela criação de sistemas explicativos específicos para as desigualdades, os quais contribuem para a formação de subjetividades insensíveis diante da discriminação e da violência racial. A teoria apresentada por Almeida nos possibilita compreender que a atribuição de valor e significado ocorre em uma operação relacional que simultaneamente constrói brancos e negros de maneiras distintas na esfera social, especialmente no que diz respeito aos direitos e aos regimes de exploração da força de trabalho, o racismo é inseparável do entendimento de seu funcionamento a partir das estruturas estatais, uma vez que é por meio do Estado que se realizam classificações e divisões de pessoas. A necessidade de políticas inclusivas e reparadoras tornar-se fundamental para enfrentar as disparidades históricas e criar um ambiente onde todos os cidadãos, independentemente da cor da pele, tenham igualdade de oportunidades e acesso a direitos fundamentais. No cenário gaúcho, a segregação histórica resultante da abolição e do subsequente isolamento das comunidades negras persiste, os vestígios históricos da abolição refletem-se em um pequeno número de escravos beneficiados pela Lei Áurea.

A população negra produz territórios sobre os quais formam-se cidades (SOUZA; CUNHA JUNIOR; SILVA, 2019). Ao pensar na produção de territórios é possível analisar a formação da Sociedade Cruzeiro do Sul, localizada no bairro Primavera em Novo Hamburgo, foi fundada em 1922 com o objetivo de suprir uma lacuna na comunidade negra local. Sua origem remonta a uma iniciativa visionária, surgindo num contexto permeado pela discriminação racial e pela escassez de espaços de expressão e convívio para a população afrodescendente. A conquista do terreno, originalmente designado para a construção de uma escola, simbolizou não apenas a aquisição de um espaço físico, mas também a conquista de uma voz coletiva, capaz de desafiar as estruturas segregacionistas vigentes. Apelidada carinhosamente de "Cruzeirinho" reflete não apenas a dimensão afetiva e comunitária

da associação, mas também sua importância como ponto de resistência e afirmação identitária. Por meio da criação de um time de futebol e posteriormente de uma escola de samba, a comunidade encontrou meios de celebrar sua cultura e sua história, reafirmando sua presença e contribuição à sociedade local.

A história da Sociedade Cruzeiro do Sul é um testemunho vivo da resiliência e da determinação da comunidade negra em enfrentar os desafios impostos pelo racismo e pela exclusão. Ao celebrarmos suas conquistas e reconhecermos suas lutas, reafirmamos nosso compromisso com a construção de um mundo mais justo e igualitário para todos. No entanto, é inegável que as marcas do racismo estrutural persistem, manifestando-se em diversas formas de exclusão e desigualdade que continuam a assolar as comunidades negras. Apesar dos avanços conquistados ao longo dos anos, a luta por igualdade e justiça social ainda é uma realidade urgente e premente.

Em sínteses, a população afrodescendente desenvolve seus próprios espaços urbanos, configurando centros urbanos distintos. Durante o século XX, enfrenta uma dualidade transitória: da condição escravagista à inserção no sistema capitalista marcado por práticas discriminatórias, e da vivência rural para o contexto urbano, ambos permeados pelo racismo estrutural. Este último engloba mecanismos de controle social, dominação por parte da elite branca, desqualificação sociocultural e a criminalização promovida pelo Estado, fundamentada em argumentos científicos que corroboravam estereótipos pejorativos e alegavam uma suposta inaptidão cultural para absorver elementos civilizacionais. As comunidades afro-brasileiras, devido à presença do racismo estrutural, enfrentam disparidades na distribuição dos recursos urbanos, tais como acesso limitado à infraestrutura básica, oferta de serviços públicos de qualidade inferior e carência de investimentos direcionados ao desenvolvimento urbano nestes locais.

Historicamente, políticas discriminatórias resultaram em segregação espacial, culminando na formação de bairros predominantemente habitados por pessoas negras. Esta realidade pode influenciar a configuração arquitetônica destes bairros, refletindo condições socioeconômicas desfavoráveis, ausência de manutenção adequada e menor diversidade na estrutura arquitetônica. A expressão da identidade e cultura afrodescendente frequentemente é manifestada através da arquitetura. Tal expressão pode incluir a preservação de locais históricos significativos para a comunidade, utilização de elementos arquitetônicos que remetam à herança cultural

africana, bem como a incorporação de arte e símbolos culturais nos espaços urbanos. Em determinadas circunstâncias, bairros historicamente habitados por pessoas negras estão sujeitos a pressões de gentrificação, processo no qual a revitalização urbana pode resultar na expulsão de residentes de baixa renda, incluindo membros das comunidades afrodescendente. Este fenômeno suscita questões relativas à preservação cultural e ao direito à cidade para tais comunidades.

É necessário que políticas públicas inclusivas e reparadoras sejam implementadas, visando não apenas a mitigação das desigualdades existentes, mas também o fortalecimento e a valorização das comunidades afrodescendentes. Entretanto, o legado da exclusão e segregação persiste, evidenciado pela desigualdade social e econômica que continua a afetar as comunidades negras. Nesse sentido, é fundamental o reconhecimento e a garantia dos territórios quilombolas, bem como o investimento em programas e projetos que promovam a integração e o desenvolvimento econômico e social dessas comunidades. Somente através de uma abordagem comprometida com a justiça racial poderemos construir uma sociedade verdadeiramente inclusiva e equitativa. Surge a necessidade de medidas específicas para reverter essas condições, garantia e reconhecimento dos territórios quilombolas, visando à integração e ao fortalecimento das comunidades afrodescendentes, permitindo uma real inclusão social e econômica.

4. A MEMÓRIA E VIVÊNCIAS DOS TRABALHADORES NO SETOR COUREIRO CALÇADISTA

Figura 12: Mulher caminhando na rua.



Fonte: Imagem criada com uso de inteligência artificial de acordo com o depoimento.

4.1 ALÉM DAS FRONTEIRAS DA FORMALIDADE: TRABALHO INFORMAL E AUTOINSTRUÇÃO A PÉ

Cheguei à conclusão de que não necessitamos perguntar nada a ninguém. Com o decorrer do tempo vamos tomando conhecimento de tudo. Carolina Maria de Jesus – escritora brasileira

No contexto da geografia, os relatos pessoais e as memórias individuais constituem elementos essenciais para compreendermos a construção e a transformação dos espaços urbanos e industriais. Nesse sentido, o depoimento de Maria Regina, residente na cidade de São Leopoldo, no bairro Scharlau, revela importantes aspectos sobre o trabalho realizado na produção de ateliês, espaços que surgiram como alternativa às grandes fábricas e desempenharam um papel significativo na economia local. Ao explorarmos esse testemunho, podemos vislumbrar não apenas as dinâmicas do setor coureiro-calçadista, mas também as relações de trabalho e a configuração dos espaços urbanos em determinado período histórico.

Pergunta: Você poderia descrever as funções que desempenhou em seus empregos anteriores e compartilhar algumas lembranças ou detalhes sobre o ambiente de trabalho naquela época?

Depoimento:

[...] Trabalhei durante a década de 1970 e 80 em Novo Hamburgo, no bairro Liberdade. O ateliê era um local de trabalho onde não assinavam a carteira e pagavam salários melhores do que as fábricas de sapatos. Eu ficava responsável pela produção de colagem de enfeites nos calçados, era um trabalho repetitivo e cansativo, o cheiro da cola impregnava nas mãos e nas roupas. Não havia treinamento para realizar a tarefa, éramos mulheres que colavam e pregavam os sapatos e sandálias, enquanto os homens ficavam em pé no corte [...]. (Fonte: Regina/Memória)

Figura 13: Interior de uma fábrica.



Fonte: Imagem criada com uso de inteligência artificial de acordo com o depoimento.

Em relação ao trabalho:

[...] A jornada de trabalho iniciava às 7 horas da manhã e ia até às 11h30min, não tínhamos refeitório para almoçar, os espaços eram muito pequenos, e retornávamos às 13 horas até as 18 horas de segunda a sexta-feira, e, conforme a produção, também aos sábados. No final do ano, era muito comum trabalhar nos sábados devido ao aumento da demanda nessa época [...]. (Fonte: Regina/Memória)

Em relação a discriminação racial dentro do ambiente de trabalho o depoimento relata diversas situações de discriminações e exclusão sofridas pelos trabalhadores negros.

Sobre as relações étnicos raciais:

Depoimento:

[...] A discriminação contra os negros era enorme; havia muitas pessoas negras e alguns brancos. Os brancos ou eram conhecidos dos donos ou familiares; eles tinham carteira assinada e faziam cursos relacionados aos processos de produção. Os negros não recebiam essa formação; havia uma grande rotatividade de empregados negros, que procuravam outros locais de trabalho com a perspectiva de salário mais alto [...]. (Fonte: Regina/Memória)

Figura 14: Interior do Ateliê



Fonte: Imagem criada com uso de inteligência artificial de acordo com o depoimento.

Ao buscar o questionamento sobre a memória do espaço vivenciado pela Sra. Regina, foi destacado por ela o deslocamento da residência até o trabalho. Sem transporte coletivo, o deslocamento realizado a pé, sofrendo com as mais diversas condições climáticas possíveis. O depoimento sobre esse tema reforça a precariedade das condições de trabalho.

Em relação à memória do espaço vivenciado:

Depoimento:

[...] Nós íamos para a firma a pé, chuva, sol, vento, íamos todos a pé em grupo. Só bem mais tarde, apareceu um ônibus que nos trazia só para almoçar e voltar para o serviço. A maioria ia a pé, desde cedo tudo era a pé [...]. (Fonte: Regina/Memória)

Figura 15: Deslocamento ao trabalho.



Fonte: Imagem criada com uso de inteligência artificial de acordo com o depoimento.

(Entrevista concedida no dia 04/05/2023).

Ao relatar o trabalho realizado na produção de ateliê, sendo este um espaço de empresa pequena administrada por ex-funcionários que se demitiram das grandes fábricas, criando suas próprias empresas, percebe-se que com o tempo e a demanda crescente, a necessidade de mais fábricas no processo de produção se tornou

evidente. Esses espaços passaram a prestar serviços de produção para as indústrias maiores, onde são confeccionadas partes dos sapatos ou fases inteiras, como o chamado pré-fabricado.

A informalidade no trabalho é um aspecto presente nas fábricas menores ou ateliês, onde muitos trabalhadores optavam por essa relação de trabalho, conseguindo emprego de maneira mais rápida, uma vez que a mão de obra não exigia capacitação, apenas disponibilidade de horário. Diante dessas considerações, o cenário dos ateliês não apenas reflete uma resposta à busca por flexibilidade e agilidade na produção, mas também evidencia uma dinâmica onde ex-funcionários das grandes fábricas encontram espaço para empreender e suprir demandas específicas da indústria, contribuindo para a diversificação e descentralização do setor produtivo.

O acesso aos locais de trabalho demonstra, no depoimento, a dificuldade dos deslocamentos diários sem o uso do transporte público. As condições climáticas, muitas vezes adversas, expõem um ambiente hostil e de extrema insalubridade aos trabalhadores de cidades pequenas e a outros que residem em diferentes municípios em relação aos seus locais de trabalho. As migrações pendulares mencionadas no depoimento, seja a pé ou com o uso de bicicleta, relatam as dificuldades logísticas e o custo financeiro em alguns casos para obter a passagem, destacando as dificuldades encontradas hoje nas cidades do Vale dos Sinos. Nessa região, o sistema público de transporte enfrenta muitas dificuldades para conectar alguns municípios, embora as estratégias das indústrias do setor coureiro-calçadista incluam o fornecimento de transporte para os trabalhadores.

4.2 COSTURANDO VÍNCULOS: TRABALHO, RESISTÊNCIA E SOCIABILIDADE

Figura 16: Baile na Associação.



Fonte: Imagem criada com uso de inteligência artificial de acordo com o depoimento.

Foram me chamar
 Eu estou aqui, o que é que há
 Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho
 Mas eu vim de lá pequenininho
 Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho
 Sempre fui obediente
 Mas não pude resistir
 Foi numa roda de samba
 Que juntei-me aos bambas Pra me distrair
 Quando eu voltar na Bahia Terei muito que contar
 Ó padrinho não se zangue
 Que eu nasci no samba
 E não posso parar
 Foram me chamar

Música: Alguém me Avisou / Autora: Dona Ivone Lara/ Warner 30 Anos: Dona Yvonne Lara

A história industrial de muitas regiões do Brasil é marcada por relatos pessoais que revelam não apenas os desafios enfrentados pelos trabalhadores, mas também as nuances sociais e econômicas que moldaram suas experiências. Neste contexto, a entrevista realizada com Érico, um residente de São Leopoldo com uma trajetória profissional significativa nas décadas de 1960 até 1980 no setor calçadista, oferece registros valiosos sobre o cenário da época. Érico, que trabalhou como prensador e soldador de máquinas na fabricação de sapatos, compartilhou não apenas suas responsabilidades técnicas, mas também as dificuldades enfrentadas para ingressar e permanecer no mercado de trabalho, especialmente em uma região marcada pela imigração alemã e pelas dinâmicas sociais das comunidades negras.

O depoimento lança luz sobre aspectos cruciais da história industrial e social, revelando os desafios e as complexidades enfrentadas pelos trabalhadores durante aquele período. Em relação ao trabalho:

[...] havia alguns casos de racismo entre os funcionários da fábrica, manifestados por meio de piadas e comentários ofensivos que frequentemente resultavam em discussões. Na época, era difícil conseguir emprego nas fábricas devido ao racismo predominante. Geralmente, as contratações eram restritas a pessoas conhecidas ou com experiência prévia. Para os negros, desconhecidos e sem experiência, as oportunidades eram escassas. Aqueles que eram contratados, geralmente iniciavam em funções mais básicas e, com o passar do tempo, à medida que demonstravam competência e ganhavam a confiança dos supervisores e proprietários, eram promovidos a outras funções e recebiam aumentos salariais. A jornada de trabalho consistia em 8 horas diárias, porém, frequentemente eram solicitadas horas extras quando a produção demandava [...].

(Fonte: Érico/Memória)

Em relação à memória do espaço vivenciado:

[...] A memória que guardo daquela época é a turma de amigos que fazíamos na firma. Almoçávamos juntos e, ao final do turno, toda a turma parava no bar para comer um pastel e tomar uma cerveja. [...]

(Fonte: Érico/Memória)

Figura 17: Espaço de lazer após o expediente.



Fonte: Imagem criada com uso de inteligência artificial de acordo com o depoimento.

[...] Nos finais de semana, não frequentávamos os mesmos locais, pois muitos estabelecimentos não permitiam a entrada de pessoas negras. Então, nos reuníamos e íamos a pé para Novo Hamburgo, frequentávamos o Cruzeirozinho. Pegávamos o ônibus central e íamos para lá, a música era excelente e a administração do clube era maravilhosa. As pessoas eram educadas e respeitavam os negros. Era incrível, ao chegar lá éramos respeitados, podíamos sair na rua e tomar um ar, em alguns lugares havia desconfiança, mas lá não, entrávamos tranquilamente. Tínhamos que ir para lá nos finais de semana, era melhor que o Guarani e o União de São Leopoldo. O salão de madeira não era tão grande, mas era aconchegante. Às vezes, na hora de dançar, dávamos alguns empurrões e cotoveladas uns nos outros, mas não havia desavenças, todo mundo se respeitava. Mesmo em um espaço apertado, não questionávamos quem havia nos empurrado, mesmo que alguém tivesse tomado uma cerveja a mais, tudo era feito educadamente. Normalmente, eles organizavam festas, dançávamos, dançávamos e depois fazíamos pausas, uma pausa para tomar um cafezinho que era cerveja. Fazíamos uma roda com os amigos, cada um com uma garrafa de cerveja, e quando o músico indicava que era hora de recomeçar, voltávamos a dançar até às 5 da manhã. Saíamos de lá juntos, felizes e sorrindo, era maravilhoso estar naquele lugar [...].

(Fonte: Érico/Memória)

(Entrevista concedida no dia 20/06/23)

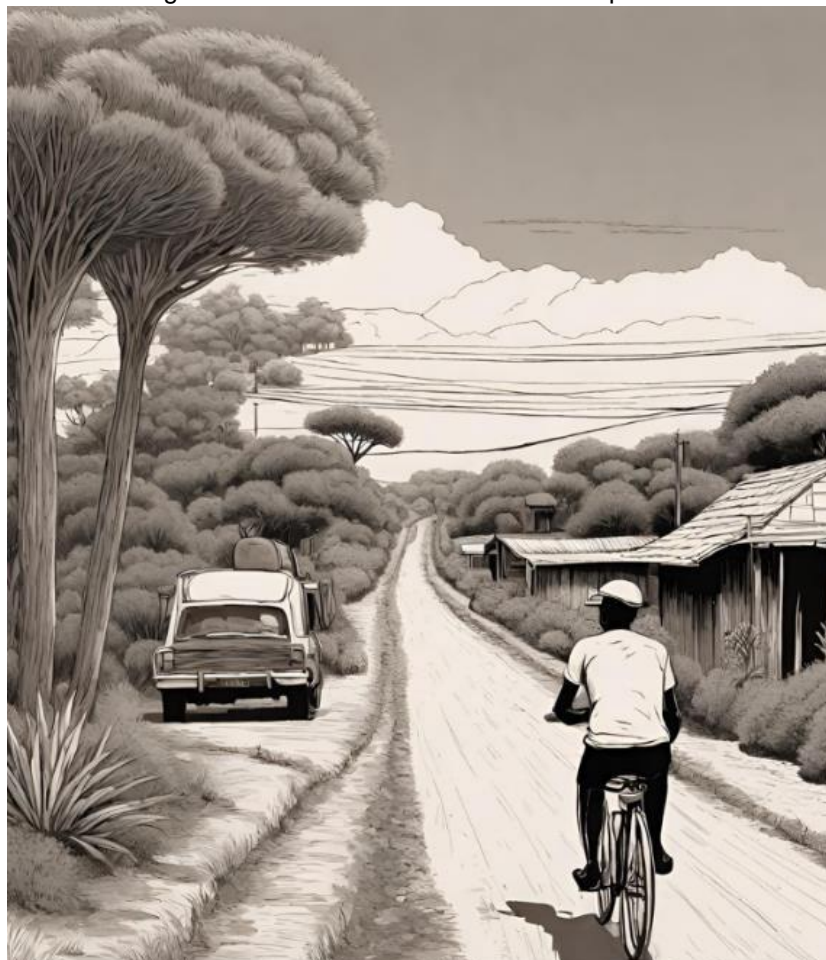
O relato de Érico oferece uma perspectiva valiosa sobre as interações étnico-raciais e a construção dos espaços negros de lazer em um contexto industrial. Em primeiro lugar, destaca as barreiras enfrentadas pelos trabalhadores negros no mercado de trabalho, evidenciando o racismo estrutural presente na sociedade da época. A dificuldade em conseguir emprego nas fábricas devido ao preconceito impôs limitações significativas às oportunidades de trabalho para os negros, que muitas vezes eram relegados a funções mais básicas e enfrentavam discriminação no ambiente de trabalho e nos espaços de lazer. Por outro lado, o relato também revela a importância dos espaços de lazer para a comunidade negra como locais de convívio e resistência.

O Cruzeirinho, mencionado por Érico, emerge como um refúgio onde os negros podiam se reunir sem enfrentar discriminação. Este clube não apenas oferecia entretenimento e música de qualidade, mas também era um espaço onde os frequentadores se sentiam respeitados e aceitos, contrapondo-se aos estabelecimentos que excluía pessoas negras. A atmosfera de camaradagem e respeito dentro do Cruzeirinho contrasta vividamente com as experiências de discriminação enfrentadas por Érico em outros espaços de convivência na região. O trabalho desenvolvido na empresa acaba por criar uma rede de laços afetivos e sociabilidade entre os colaboradores, levando a encontros em outros espaços para fortalecer essas relações. Ao reunir-se com os colegas após o expediente em bares próximos à empresa, surgem novos locais de convívio que se tornam importantes para a construção de relações étnicas e sociais. A identificação com esses espaços é evidenciada pela presença de estabelecimentos ainda hoje localizados próximos a zonas industriais.

Portanto, o relato de Érico destaca não apenas as injustiças e desafios enfrentados pelos trabalhadores negros na indústria, mas também a importância dos espaços de lazer como locais de sociabilidade e afirmação da identidade negra. Esses espaços desempenharam um papel crucial na construção de comunidades resilientes e na resistência ao racismo, proporcionando um contraponto vital às adversidades enfrentadas no mundo do trabalho e na sociedade em geral.

4.3 PEDAÇOS DE COURO, PEDAIS DE AÇO: A HISTÓRIA DE UM TRABALHADOR NO CURTUME

Figura 18: Bicicleta como meio de transporte.



Fonte: Imagem criada com uso de inteligência artificial de acordo com o depoimento.

Das roupas velhas do pai
 Queria que a mãe fizesse
 Uma mala de garupa
 E uma bombacha e me desse
 Queria boinas e alpargatas
 E um cachorro companheiro
 Pra me ajudar a botar as vacas
 No meu petiço sogueiro
 Hei de ter uma tabuada e o meu livro, Queres Ler
 Vou aprender a fazer contas e algum bilhete escrever
 Pra que a filha do seu Bento saiba que ela é meu bem querer
 E se não for por escrito eu não me animo a dizer
 E se não for por escrito eu não me animo a dizer

Música: Guri - compositor César Passarinho

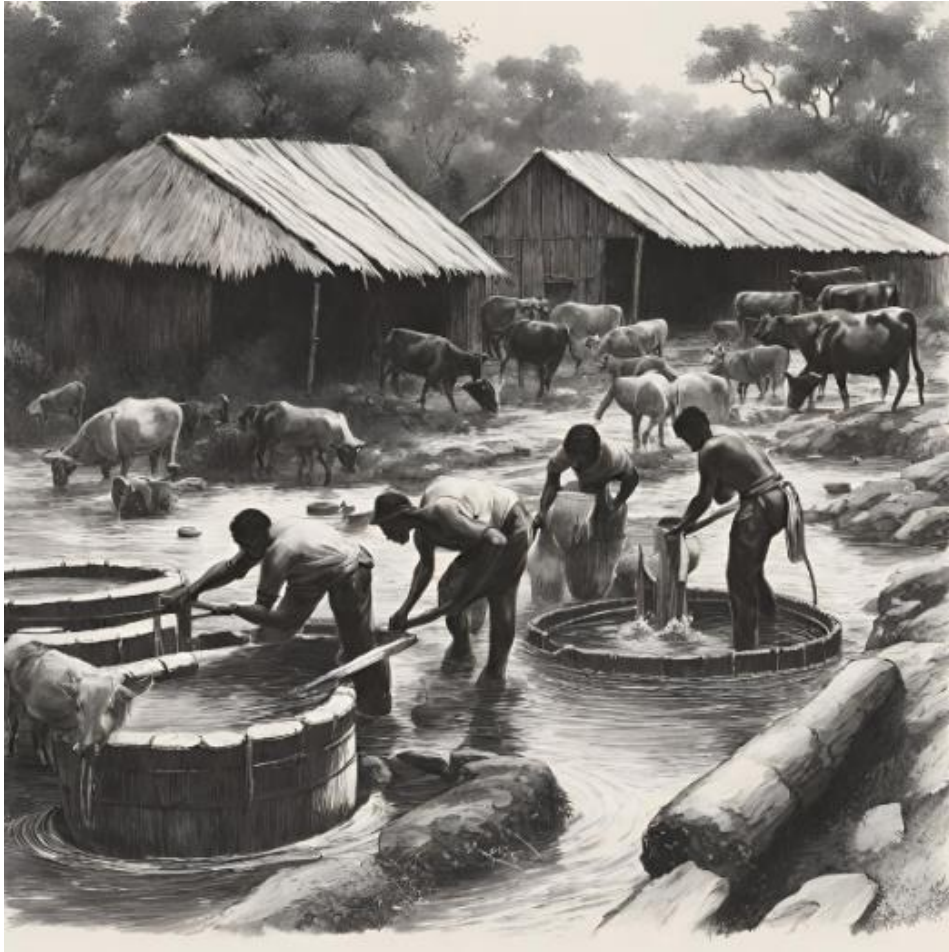
O depoimento de Osmar oferece uma visão única sobre sua experiência de trabalho em um curtume ao longo de quatro décadas na cidade de Portão. Inicialmente, ele descreve suas responsabilidades desde os primeiros dias, carregando couro sob diversas condições climáticas, até suas tarefas mais árduas, como parte do processo de lavagem e secagem do material. Esse relato proporciona uma contextualização do trabalho árduo e das condições desafiadoras enfrentadas pelos trabalhadores do curtume, destacando a variedade de funções desempenhadas e a constância exigida em um ambiente industrial complexo.

Além da resiliência e a determinação do trabalho em si, Osmar compartilha memórias vivas de seu deslocamento diário da cidade de São Leopoldo até o local de trabalho, muitas vezes percorrendo estradas de chão batido e enfrentando desafios como a falta de transporte público acessível. Sua descrição evoca uma imagem vívida das dificuldades logísticas enfrentadas pelos trabalhadores da época e a resiliência necessária para superá-las. No entanto, é o aspecto de sua memória que se destaca, especialmente o forte cheiro e a presença de resíduos de couro em suas roupas e corpo, um testemunho das condições físicas e ambientais desafiadoras que caracterizavam o ambiente de trabalho do curtume.

Em relação ao trabalho:

[...] Comecei trabalhando com o carregamento do couro para dentro dos galpões. Não havia tempo ruim, enfrentávamos sol, chuva, frio ou calor enquanto descarregávamos o couro. Posteriormente, passei a trabalhar no "fulão", responsável pela lavagem do couro. Manuseávamos os tanques de tanino e tínhamos que retirar o couro molhado do arroio e levá-lo para os tanques de tanino. Após o processo, o couro era colocado nas estacas para secagem. Mais tarde, passei a trabalhar no turno da noite, iniciando às 19 horas e encerrando às 6 horas da manhã do dia seguinte. Durante esse período, desempenhava a função de "chapa quente", que consistia em alisar e secar o couro [...]. (Fonte: Osmar/Memória)

Figura 19: Lavagem do couro.



Fonte: Imagem criada com uso de inteligência artificial de acordo com o depoimento.

Em relação a memória do espaço vivenciando:

[...] Eu morava em São Leopoldo, no bairro da Campina, realizava o deslocamento de bicicleta até a fábrica. Pegava a estrada de chão batido e alguns atalhos com matagal dos lados e ia pedalando, quando estragava a bicicleta, era a pé mesmo. O ônibus não tinha em todos horários e ficava caro o custo da passagem. A memória que eu tenho é do cheiro do couro, cheio de bichos nele, podre, verde... aquilo ficava na roupa, era horrível, a roupa escura e com cheiro. Os dedos, unhas, mãos ficava escuro e com cheiro do couro e dos produtos químicos.

Era o nosso trabalho, tinha que fazer [...]. (Fonte: Osmar/Memória)

(Entrevista concedida no dia 26/06/23)

O depoimento de Osmar oferece uma visão abrangente das dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores do curtume, destacando não apenas as tarefas de

rotina do trabalho em si, mas também os desafios enfrentados no deslocamento diário até o local de trabalho.

O Sr. Osmar relata as múltiplas etapas de seu trabalho, desde o carregamento do couro até as tarefas mais especializadas de lavagem e secagem, evidenciando a diversidade de funções desempenhadas pelos trabalhadores do setor. Essas descrições fornecem um contexto valioso para compreender a complexidade e a exigência do ambiente industrial do curtume, onde a resiliência e a adaptabilidade são fundamentais para o processo de preparação da matéria prima. Além das demandas do trabalho em si, Osmar compartilha suas experiências de deslocamento, revelando os obstáculos logísticos enfrentados pelos trabalhadores da época. Seu relato de viagens de bicicleta por estradas de chão batido e a falta de transporte público confiável ilustra as dificuldades adicionais enfrentadas pelos trabalhadores do curtume para chegar ao trabalho.

Essas dificuldades logísticas adicionais ampliam ainda mais o retrato das condições desafiadoras enfrentadas pelos trabalhadores, enfatizando a importância do comprometimento e da resiliência para superar esses obstáculos. Seja no trabalho árduo dentro das instalações da fábrica ou nos desafios diários de chegar ao local de trabalho, sua narrativa oferece um testemunho vívido das complexidades da vida dos trabalhadores deste setor e da época. Ao reconhecer essas interconexões, podemos apreciar mais plenamente as experiências e os sacrifícios dos trabalhadores do curtume, bem como sua resiliência diante das adversidades.

4.4 CAMINHOS ALAGADOS, SONHOS SECOS: ENTRE A LINHA DE MONTAGEM E AS ÁGUAS TURBULENTAS

Figura 20: Alagamentos.



Fonte: Imagem criada com uso de inteligência artificial de acordo com o depoimento.

Na avenida deixei lá, a pele
preta e a minha voz,
minha fala, minha opinião, a
minha casa,
a minha solidão joguei do alto do terceiro andar, quebrei a
cara e me livreí do resto...

Canção “Mulher do fim do mundo” (2015) interpretada por Elza Soares

O relato de Dona Maria da Graça fornece uma visão abrangente das condições de trabalho na indústria de calçados nas décadas de 60 e 70, evidenciando tanto as exigências das tarefas desempenhadas quanto os desafios enfrentados no deslocamento diário para o trabalho. Ao descrever suas experiências na fábrica localizada no bairro Santo Afonso, em Novo Hamburgo, Dona Maria da Graça oferece uma narrativa detalhada que revela as complexidades enfrentadas pelos trabalhadores da época. Ela destaca a falta de treinamento adequado ao trabalhar nas esteiras de calçados e as longas horas dedicadas a movimentos repetitivos, enquanto também descreve os obstáculos enfrentados no caminho para o trabalho, incluindo desafios logísticos como chuvas intensas e alagamentos.

Essas experiências proporcionam uma compreensão mais profunda das condições de trabalho precárias e das dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores da indústria de calçados na época. Dona Maria revela as adversidades enfrentadas não apenas dentro da fábrica, mas também no trajeto até o local de trabalho, destacando a resiliência necessária para enfrentar os desafios do cotidiano. Seu relato oferece um testemunho valioso das lutas e sacrifícios dos trabalhadores industriais do passado, ressaltando a importância de reconhecermos e compreendermos as experiências dos trabalhadores da época:

Em relação ao trabalho:

[...] Foi um tempo difícil. Saíamos a pé de casa até o trabalho e era muito cedo que tínhamos que caminhar. Morava em São Leopoldo, no bairro Campina, e até Santo Afonso era um bom (longo) caminho. Quando chovia e alagava tudo, era só com ajuda de barco, não tinha como caminhar [...].
(Fonte: Maria/Memória)

[...] Trabalhei nas esteiras de calçados e fazia a colagem. No início não recebia treinamento e depois a gente ia olhando fazendo e se virava. O turno começava às 7 horas da manhã e terminava às 5 horas da tarde. Os braços ficavam cansados dos movimentos repetitivos que fazíamos nas esteiras [...].
(Fonte: Maria/Memória)

Figura 21: Ambiente de produção.



Fonte: Imagem criada com uso de inteligência artificial de acordo com o depoimento.

Em relação à memória do espaço vivenciado:

[...] Quando a gente chegava na hora do almoço né, aí uns moravam muito longe não podiam ir almoçar em casa, porque não dava tempo de chegar à 1 hora, não dava tempo de voltar, ali alguns almoçávamos lá, aí cada um pegava a panelinha e as viandinhas e ia comer na beira da calçada porque a gente não tinha refeitório, não tinha nada, naquela época, nem mesa, nem cadeira pra sentar. Só dentro da fábrica mesmo, dentro da fábrica a gente não podia comer. A gente comia na rua, na beira da calçada nos degraus das escadas que subiam pra firma, a gente se amontoava ali e comia. Não tinha onde esquentar, uns comiam frio mesmo, não esquentávamos a comida [...].

(Fonte: Maria/Memória)

(Entrevista concedida no dia 26/06/23)

Figura 22: Roda de conversa durante o almoço.



Fonte: Imagem criada com uso de inteligência artificial de acordo com o depoimento.

O relato de Dona Maria lança luz sobre as duras condições de trabalho e as adversidades enfrentadas pelos trabalhadores da indústria de calçados nas décadas passadas. Suas memórias não apenas destacam as exigências físicas das tarefas desempenhadas, mas também ressaltam as limitações logísticas enfrentadas no deslocamento diário, especialmente em meio a condições climáticas adversas. Essas narrativas oferecem um olhar penetrante sobre a realidade dos trabalhadores da época, ressaltando a determinação necessárias para enfrentar as dificuldades cotidianas. Ao reconhecer as experiências de Dona Maria da Graça, podemos apreciar mais plenamente as lutas e os sacrifícios enfrentados por esses indivíduos em seu ambiente de trabalho. Seu relato serve como testemunho valioso sobre as condições de trabalho precárias e das dificuldades enfrentadas no dia a dia, destacando a importância de compreendermos e reconhecermos as experiências dos trabalhadores industriais do passado.

4.5 ENTRE SOLADOS E CHUTEIRAS: UM TRABALHADOR, SUA FERRAMENTA E O SONHO DA CASA PRÓPRIA

Figura 23: Partida de futebol.



Fonte: Imagem criada com uso de inteligência artificial de acordo com o depoimento.

Um para frente
 Outro pra trás
 Um dia a menos
 Outro a mais
 Um satisfaz
 Outro não faz

Um para guerra outro pra paz
 Um menos homem outro mais mais
 Um só depende do que faz
 Outro só pende para o cais
 Um caminhar outro parar
 Outro sonhar outro pensar
 Um infinito pra levar
 Outro pra terra outro pro mar
 Um santo achar e devotar
 Outro mais tempo pra sonhar
 Música: Outro Um – Compositor Giba Giba

O depoimento de Francisco, oriundo de Bom Jesus, lança luz sobre sua jornada de vida ao mudar-se para a cidade de Campo Bom e ingressar em uma das maiores fábricas locais ao atingir a maioridade. Ao longo de seu relato, Edu destaca não apenas as múltiplas funções desempenhadas dentro da fábrica, mas também as complexas relações de trabalho estabelecidas com seus colegas e as dificuldades enfrentadas em sua trajetória profissional.

Sua narrativa sobre os desafios e as conquistas experimentadas por muitos trabalhadores em meio ao cenário industrial do período. Francisco descreve seu início na fábrica como um período de adaptação e aprendizado, onde, mesmo como um dos poucos trabalhadores negros, ele foi capaz de progredir através de diversas funções, tornando-se uma figura versátil e respeitada dentro do ambiente de trabalho. No entanto, ele não deixa de mencionar as disparidades e preconceitos existentes, destacando a escassez de oportunidades para os negros ocuparem cargos superiores. Sua narrativa oferece uma reflexão sobre as dinâmicas sociais da época, evidenciando a importância do tempo e do desempenho no processo de ascensão profissional e na construção das relações interpessoais no ambiente de trabalho.

Em relação ao trabalho:

[...] Cheguei em Campo Bom e fui morar numa pensão com outras famílias todas de origem alemã, na fábrica não tinha muitos trabalhadores negros, éramos poucos. O quadro de funcionários era de 4.800 pessoas e se tivesse 50 negros era muito. Comecei na função de auxiliar, depois montador e lixador de sapato. Em resumo, eu era um "curinga", fazia mais de uma função. Fui aprendendo e fazendo hora extra e ali ia fazendo outras funções e aprendendo. A relação sempre foi de respeito com os alemães, mas eles me conheciam da fábrica, do bairro, isso foi com o tempo, a gente vai fazendo a convivência e a confiança fortalece a relação. Eram poucos negros, sim. Tinha um certo preconceito em relação aos negros, não tínhamos os cargos superiores. Acredito que seja pelo fato de ter poucos negros na fábrica, mas as perspectivas de outro cargo eram possíveis somente com o tempo de trabalho, a promoção ocorria de acordo com o teu trabalho[...]. (Fonte: Francisco/Memória)

Em relação à memória do espaço vivenciado:

[...] Na minha memória tenho muitas lembranças daquela época. As festas de final de ano sorteavam os brindes, espumantes e outros presentes para cada setor da firma. Era num sítio e todos os funcionários reunidos, às vezes a gente nem conhecia todos, como eram muitos setores e turnos não tínhamos contatos, na festa era possível ver todos. Às vezes nos reuníamos na sexta à noite nos bares em frente à fábrica, fazíamos um galetto, salsichão e ficávamos até tarde. No final de semana jogávamos futebol na várzea, o time do setor contra os times de outros setores e empresas. Era todo mundo de novo na beira do campo reunido, a turma da fábrica era uma família [...].

(Fonte: Francisco/Memória)

[...] O que eu tenho hoje, uma casa e terreno próprio, foi fruto e suor daquele tempo. Passava horas e horas trabalhando com a minha ferramenta, ela era meu amuleto, tudo que tenho, foi com as mãos nela. Acabei guardando ela, e o dia que partir, gostaria que ela fosse comigo. Era um tempo difícil de conseguir as coisas, ainda mais vindo do interior para a cidade, mas o sonho de ter um terreno e construir uma casa o sonho foi realizado. Tenho saudades de tudo que passei, amigos, a rotina da fábrica, faria tudo de novo se fosse preciso [...].

(Fonte: Francisco/Memória)

Figura 24: Ferramenta que era utilizada como martelo e alicate no processo de corte e presilha do couro.



Fonte: Ferreira – 2023.

(Entrevista concedida no dia 26/06/23)

As memórias de Francisco refletem não apenas os desafios enfrentados em sua jornada de trabalho, mas também as conquistas compartilhadas com seus colegas da fábrica. Suas lembranças das festas de final de ano e dos momentos de descontração nos bares em frente à fábrica ilustram a importância das relações sociais e do senso de comunidade entre os trabalhadores. Além disso, sua história pessoal de superação e perseverança, culminando na realização de seu maior sonho de possuir uma casa e um terreno próprios, evidencia a determinação de obter a moradia própria que caracterizava o sonho de muitos trabalhadores da época. A mensagem do depoimento que, apesar dos desafios e das adversidades enfrentadas, as experiências vividas e as relações construídas ao longo do tempo de trabalho

deixam um legado duradouro de gratidão e saudade, destacando a importância do trabalho como meio de realização pessoal e de fortalecimento dos laços comunitários.

4.6 CORES, COMPASSOS E CONQUISTAS: A TRAJETÓRIA DE UMA VIDA ENTRE DESENHOS DE SAPATOS E RITMOS DE SAMBA

Figura 25: Mesa de design.



Fonte: Imagem criada com uso de inteligência artificial de acordo com o depoimento.

O meu lugar é caminho de Ogum e Iansã
 Lá tem samba até de manhã
 Uma ginga em cada andar
 O meu lugar
 É cercado de luta e suor
 Esperança num mundo melhor
 E cerveja pra comemorar
 O meu lugar
 Tem seus mitos e seres de luz
 É bem perto de Osvaldo Cruz
 Cascadura, Vaz Lobo e Irajá
 O meu lugar
 É sorriso é paz e prazer
 O seu nome é doce dizer Madureira, lá
 Iaiá

Madureira, lá laiá

Compositores: Arlindo Domingos Da Cruz Filho / Jose Mauro Diniz

O depoimento do Sr. Valdemar resgata memórias valiosas da indústria calçadista, assim como no desfile de carnaval em que a bateria da agremiação desfila no último pavilhão do desfile na avenida. Sua narrativa não apenas aborda a técnica intrincada de produzir calçados, mas também destaca os desafios enfrentados no setor e a determinação necessária para superá-los. Além disso, ele evidencia o papel significativo desempenhado na liderança da Associação Cruzeiro, onde ocupou a posição de presidente, revelando a força que encontrou nesse papel de destaque na instituição.

O relato do Sr. Valdemar transcende os aspectos puramente técnicos da indústria calçadista, oferecendo uma visão emocional e histórica que ressalta tanto as barreiras sociais enfrentadas como a resiliência necessária para prosperar nesse ambiente desafiador. Sua jornada, que começou modestamente como aprendiz em uma fabriqueta, reflete não apenas o domínio das habilidades profissionais através de formações especializadas, mas também a superação de obstáculos e preconceitos que marcaram sua ascensão como líder reconhecido em sua área de atuação. Ao compartilhar sua trajetória desde os primeiros passos na fabriqueta até sua posição como coordenador de uma equipe de estilistas, o depoimento de Valdemar lança luz não apenas sobre a evolução técnica e estilística da produção de calçados, mas também sobre os desafios e as lutas enfrentadas por indivíduos negros em um cenário industrial tradicionalmente marcado pela exclusão e pela falta de representatividade. Sua história pessoal ressoa como um testemunho da persistência e do talento, mesmo em meio a um contexto adverso de preconceito e limitações estruturais.

Depoimento:

[...] Comecei a trabalhar aos 12 anos de idade no ateliê, ou fabriqueta como era chamada. Depois, fiz o curso do SENAI em técnico estilista em calçado. Acabei trabalhando em cidades do estado, como Campo Bom, Parobé, Goiânia em Goiás e depois Novo Hamburgo [...].

(Fonte: Valdemar/Memória)

Em relação ao trabalho:

[...] Eu era responsável por desenvolver projetos de design e estilos de calçado. Preferia os modelos femininos devido à tendência de mercado. Precisei coletar e aprender informações tecnológicas em feiras no exterior, viajei para o México, Estados Unidos e no continente europeu. Como coordenador da equipe de estilistas, precisava confeccionar moldes para os calçados, analisar as tendências e segmentos de mercado, sendo necessário o estudo de estilos de design [...].

(Fonte: Valdemar/Memória)

Figura 26: Modelos de sapatos.



Fonte: Imagem criada com uso de inteligência artificial de acordo com o depoimento.

Em relação ao espaço memória do espaço vivenciado

[...] Foi um tempo difícil e de muita resistência, mas tínhamos que mostrar o potencial, e as coisas foram se tornando mais tranquilas. Certa vez, ao iniciar um trabalho numa empresa aqui no estado, fui questionado por um funcionário que seria subordinado da minha equipe. Ele perguntou: "O que é que esse negro está fazendo aqui?" Ele não sabia que o negro seria o futuro chefe dele. Não guardei rancor dele, mas mostrei com o tempo o motivo de eu estar ali e liderar a equipe responsável pelo setor de design. Eram poucas pessoas negras trabalhando nas grandes fábricas, e o preconceito era forte [...].

(Fonte: Valdemar/Memória)

Uma memória significativa está relacionada ao seu depoimento sobre a administração da Associação Cruzeiro em Novo Hamburgo. Além disso, lembro-me das iniciativas que foram tomadas para melhorar as instalações da associação e proporcionar um ambiente mais acolhedor e funcional para todos. Essas experiências foram marcantes e contribuíram para o desenvolvimento e fortalecimento da Associação Cruzeiro. Durante esse período, enfrentamos desafios significativos na gestão da associação, mas também vivenciamos momentos de superação e conquistas importantes. Por exemplo, recordo-me da época em que implementamos novas estratégias para fortalecer a comunidade e promover a participação dos associados em atividades culturais e sociais.

[...] Em 1989, enfrentávamos com grande dificuldade um período crítico, onde nossas estruturas estavam prestes a cair sobre nossas cabeças. Reuni um grupo de Cruzeiristas e montamos um grupo de reconstrução. Demolimos o prédio de madeira e conseguimos uma arquitetura com auxílio da prefeitura de Novo Hamburgo e iniciamos a construção de um prédio de alvenaria com a ajuda da comunidade e de alguns empresários. Considerando que o carnaval seria uma ótima oportunidade de reerguer nossas colunas, no ano seguinte, mesmo com parte da estrutura ainda precária, retomamos a participação nos desfiles do carnaval da cidade. Nesse mesmo ano, desenvolvi meu primeiro tema de enredo após algumas pesquisas sobre a origem da África. Concluímos que o enredo ideal para a época que estávamos passando seria intitulado de "África: Berço da Humanidade". Foi um momento histórico para os Cruzeiristas [...].

(Fonte: Valdemar/Memória) (Entrevista concedida no dia 18/03/24)

A trajetória de Valdemar é um exemplo inspirador de superação, determinação e sucesso em meio aos desafios enfrentados na indústria calçadista e na liderança da Associação Cruzeiro. Sua história reflete não apenas o domínio técnico e profissional, mas também a resiliência e a capacidade de transformar obstáculos em oportunidades de crescimento e conquistas. O depoimento destaca a importância da representatividade e da persistência na busca por reconhecimento e igualdade, inspirando outros a enfrentar seus próprios desafios com determinação e coragem. Valdemar deixou uma marca indelével na indústria calçadista como estilista, dedicando-se ao desenvolvimento de projetos inovadores e estilos que conquistaram o mercado. Suas viagens pelo México, Estados Unidos e Europa não foram apenas oportunidades de aprendizado técnico, mas também de absorção de tendências globais que enriqueceram sua visão e criatividade. Sua habilidade em coletar

informações tecnológicas e estilísticas nessas feiras internacionais não apenas elevou o padrão de qualidade de seus projetos, mas também fortaleceu sua posição como um dos principais profissionais do setor. Além de seu impacto na indústria, também desempenhou um papel crucial no cenário cultural da cidade, especialmente no carnaval. Sua contribuição na criação de temas de enredo e na participação na administração da agremiação trouxe uma nova energia e significado aos desfiles, tornando-os não apenas um evento festivo, mas também uma expressão da identidade e história da comunidade. Sua visão criativa e compromisso com a excelência não apenas impulsionaram a indústria calçadista local, mas também enriqueceram a vida cultural e social da cidade.

4.7 CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO ESPAÇO MEMORIZADO

Ao realizar uma análise sobre as ações cotidianas dos trabalhadores entrevistados, é possível imaginar como ocorrerão as relações sociais, o corpo usando o espaço e sendo parte da paisagem. A memória resgata a historicidade do espaço, mobiliza ações e práticas, sendo uma tarefa analítica da geografia buscar o entendimento do cotidiano e, assim, compreender o futuro. A construção de um arranjo de localização espacial através da memória e da vivência desses espaços. Diante da temática racial que está presente nas entrevistas, percebe-se o desconforto ao conversar sobre o tema. O preconceito racial sofrido pelos entrevistados está presente nos relatos sobre as instituições onde trabalharam. A sociedade determina certos lugares dentro das fábricas, os privilégios que alguns trabalhadores possuem, devido ao grau de parentesco, etnia, são alguns dos privilégios sociais que o estado e a sociedade geram. Pode-se pensar em uma hierarquia social de ter privilégios e estar numa casta acima na sociedade.

O racismo e suas facetas estão presentes nos relatos, sendo eles individuais nas falas e discussões individualizadas, a determinação de locais que as pessoas negras poderiam frequentar, seja no lazer ou nos cargos e funções estabelecidos para os negros dentro do setor de produção, institucionalizando o racismo institucional. O racismo presente nos depoimentos é raiz de um processo histórico. Ao compreender as formas de discriminações geradas pela sociedade e instituições, sendo o racismo na falta de inserção do negro em políticas públicas, a discriminação gerada pela

própria constituição que não permitia direito ao voto, permitindo somente os negros alfabetizados.

A marginalização é reforçada pelo estado, acentuada pela falta de trabalho, elaborando incentivos na contratação de imigrantes, ocasionando a exclusão da mão de obra negra, exclusão territorial, forçando a população a ocupar áreas afastadas dos grandes centros, vivendo em habitações improvisadas, favelas e cortiços como em alguns outros estados do país. Outro ponto necessário de ressaltar das entrevistas é os deslocamentos dos entrevistados até os locais de trabalho. Os depoimentos trazem as dificuldades de uso do transporte, as poucas disponibilidades de ônibus, o não pagamento do vale transporte pelas empresas aos seus funcionários e o alto custo da passagem em alguns casos, contrastando com a baixa remuneração.

A solução ou meio encontrado por muitos foi o deslocamento a pé ou o uso da bicicleta. Mesmo que o período retratado a urbanização sofra um impulso nas décadas de 1960, os meios de transporte ou os espaços fordistas criados para atender o deslocamento da matéria prima via trem e melhorar a conexão com a capital Porto Alegre, não eram acessíveis para a classe operária do setor de calçados. A mesma exclusão territorial está presente dentro dos espaços de convivência, a não aceitação de negros relatada em alguns clubes e associações, sendo esses espaços para inserir a comunidade. É necessário ressaltar a participação de todos os depoimentos na Sociedade Cruzeiro, fundada em 1922 e localizada em Novo Hamburgo, já mencionada no capítulo anterior, onde tornou-se local de resistência da cultura negra em Novo Hamburgo e que desempenha uma função sociocultural de enorme contribuição no Vale do Rio dos Sinos.

Um espaço de combate e resistência à política de exclusão negra, refletindo que o pensamento de higienização social que expulsou os alemães marginalizados pela sociedade da Alemanha e o imigrante ao chegar em solo brasileiro, criaria espaços de segregação, estereótipos e tornaria invisível o trabalho negro e seus espaços de lazer e religiosidade. As dificuldades e a luta dos entrevistados em obter um terreno e, na sequência cronológica, construir uma habitação, o sonho da casa própria, as dificuldades da época estão presentes neste contexto, sendo necessário lembrar que historicamente a propriedade privada, habitação e trabalho o Estado brasileiro, imparcial, não ofereceu uma política social que contemplasse a população negra no início do século XX. O poder aquisitivo de consumo é outro aspecto

importante que foi ressaltado, nas cidades de moradia, tudo era propriedade do branco, mercado, loja e outros empreendimentos.

Nos depoimentos das entrevistadas mulheres, as conversas entre as colegas de fábrica ao meio dia durante o almoço a dificuldade de conseguir créditos nas lojas, mesmo apresentando a carteira de trabalho assinada a não liberação de compra, situação que com algumas colegas brancas não ocorria, mesmo às vezes tendo menos tempo de serviço. Ao contrário dessa situação de preconceito, surgia o entusiasmo destacado por elas na obtenção de crediário ou aprovação de compras dos eletrodomésticos, tais como televisão, refrigerador e outros aparelhos, surgindo a preocupação com adesão da dívida no orçamento familiar, sendo necessário realizar mais horas extras para efetuar o pagamento do carnê de prestações das lojas que liberaram o sonhado crédito.

Ao rememorar essas histórias é um caminhar no passado de fatos, ações e resistência é construir um espaço que permita a sua sobrevivência econômica, cultural, e de pertencimento, sendo necessário neste presente e projetando o futuro das próximas gerações, é preciso rasurar a construção de uma região de colonização europeia e que a invisibilidade histórica onde os trabalhadores negro e negras não tiveram nenhum papel significativo na construção da região seja desconstruída. Ao descrever a temática de invisibilidade ou práticas discriminatórias no ensino de geografia, é preciso pensar em estratégias de luta na educação. Uma abordagem que educa não apenas para coibir a disseminação de discursos racistas e preconceituosos relacionados à cor da pele, mas que combate a toda e qualquer expressão de racismo, precisa identificar a identidade de diferentes povos, reconhecer e valorizar as várias contribuições passadas e atuais em todas as áreas do conhecimento humano.

A valorização dos saberes e vivências culturais e a apropriação de conhecimentos e experiências que possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade, definem o conceito que o Ministério da Educação coloca na Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, (2018, pp. 910). Assim como a Lei federal 10.639/03, ao incluir obrigatoriamente a temática afro-brasileira no ensino de conteúdos de matriz africana.

Precisamos como sociedade resgatar e preservar a memória coletiva do povo negro emerge como uma necessidade, esta tarefa não se limita apenas à mera

recuperação de eventos históricos, mas implica em uma profunda análise e interpretação dos múltiplos aspectos da experiência negra ao longo do tempo. Esse resgate não é apenas um exercício retrospectivo, mas também uma projeção para o futuro, uma vez que visa construir uma narrativa que seja relevante e significativa para próximas gerações. Nesse sentido, a reconstrução da memória negra não se restringe apenas ao registro do passado, mas constitui um esforço ativo para informar e moldar a consciência das futuras gerações, oferecendo uma base sólida para uma compreensão mais profunda das questões raciais e uma visão mais inclusiva e equitativa da sociedade.

5. A EDUCAÇÃO ÉTNICO RACIAL COMO UM PROCESSO DE (RE) LEITURA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO E DE VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA NO VALE DOS SINOS:

No campo do ensino da geografia, criar propostas de práticas em sala de aula que abordem outra perspectiva: o papel de contribuição em relação aos povos marginalizados nos processos de formação do nosso território, buscando romper com o pensamento colonial, sendo um caminho a ser construído uma nova abordagem sobre a contribuição na formação territorial, cultural e econômica. Adquirir subsídios que compreendem o processo socializador no reconhecimento da diferença racial e nas suas relações, sendo necessário desenvolver uma representatividade e identidade.

A imposição de conteúdos ideológicos, como a visão europeia de modernidade tecnológica que considera os conhecimentos, os saberes e as religiões das sociedades marginalizadas. A educação prega utopias de uma sociedade europeia, industrial e moderna. São ideias do colonialismo que apontam as sociedades indígenas e negras/quilombolas como ruins, arcaicas e obsoletas. A obrigatoriedade das leis de combate ao apagamento da história do povo negro e do continente africano dos conteúdos de ensino é um caminho ao resgate da contribuição africana na formação deste país. O combate ao racismo velado e suas formas, terminologia que precisa ser combatida em diversos espaços. A consciência negra precisa ser trabalhada não somente com folclore, artístico, cultural, não que não seja importante, mas é necessário debater e criar mais espaços de discussão e abordagem da cultura negra.

As narrativas dominantes invisibilizam a presença da temática negra e os espaços negros nas cidades precisam ser inseridos dentro das discussões, suas falas, memórias e rugosidades. É preciso romper a barreira da invisibilidade em sala de aula. A construção de um espaço seguro de debates, reconhecendo a história de vida das pessoas inseridas dentro da comunidade. O racismo estrutural permeia as instituições e práticas sociais, moldando desigualdades profundas e persistentes com base na raça. Na geografia, é fundamental abordar esse fenômeno, explorando como ele se manifesta no espaço geográfico, influenciando a distribuição de recursos, oportunidades e acesso a serviços.

Debater o racismo em sala de aula não apenas aumenta a consciência dos alunos sobre suas próprias posições e privilégios, mas também os capacitar a reconhecer e confrontar manifestações de discriminação racial na sociedade. O ensino de geografia como disciplina tem o potencial de desempenhar um papel crucial na educação antirracista. Ao incorporar discussões sobre racismo e suas interseções com o espaço geográfico, é possível promover uma compreensão mais profunda das estruturas sociais e econômicas que perpetuam a injustiça racial. Isso inclui examinar como políticas públicas, planejamento urbano e segregação espacial contribuem para a reprodução do racismo em nossas comunidades. Além disso, a introdução do uso de tecnologia na criação de imagens oferece novas oportunidades para explorar questões relacionadas ao racismo e à representação visual. Por meio de ferramentas digitais, os alunos podem criar e compartilhar narrativas visuais que desafiam estereótipos e destacam a diversidade e a riqueza das experiências humanas.

Essa abordagem não apenas amplia o âmbito do ensino da geografia, mas também capacita os alunos a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades, promovendo uma cultura de inclusão e respeito mútuo. O uso da tecnologia, da tecnologia, para criar imagens e ilustrações com finalidade didática na área de Geografia é uma prática altamente benéfica e eficaz. A inteligência artificial oferece uma ampla possibilidade de ferramentas e recursos que permitem aos educadores e alunos criar conteúdo visualmente atraente e informativo, complementando o ensino e a aprendizagem de conceitos geográficos de forma significativa. Em a somatória a tecnologia, nos dias de hoje, disponibiliza uma vasta biblioteca de modelos pré-fabricados, gráficos, ícones e imagens de alta qualidade relacionadas à Geografia, facilitando a criação de materiais didáticos visualmente atraentes. Essa diversidade de recursos permite aos usuários ilustrar conceitos geográficos complexos de maneira clara e compreensível.

Além disso, oferece ferramentas de edição intuitivas que permitem personalizar e adaptar os elementos visuais de acordo com as necessidades específicas de cada atividade ou aula. Os usuários podem facilmente manipular cores, fontes, tamanhos e layouts para criar materiais que atendam aos objetivos de ensino e aprendizagem. Outro benefício significativo é a sua facilidade de uso e acessibilidade. Tanto educadores quanto alunos podem utilizar a plataforma com facilidade, mesmo sem experiência prévia em design gráfico. Isso torna a criação de materiais didáticos mais

acessível e inclusiva, permitindo que uma ampla gama de pessoas desenvolva habilidades de comunicação visual na área de Geografia.

Na elaboração das imagens dos depoimentos foi utilizado a plataforma virtual que oferece opções de colaboração em tempo real, o que possibilita que professores e alunos trabalhem juntos na criação de projetos visuais, estimulando o engajamento e a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem. O uso da tecnologia para criar imagens e ilustrações com finalidade didática é uma prática de construção do conhecimento entre todos os sujeitos envolvidos no processo ensino/aprendizagem, pois oferece uma maneira eficaz, acessível e envolvente de enriquecer o ensino e a aprendizagem de conceitos geográficos de forma visualmente atraente e informativa.

Ao perceber essas inquietações relacionadas à invisibilidade, ao esquecimento do papel do trabalhador negro na construção do espaço, ao apagamento cultural histórico das comunidades negras, bem como ao racismo e às diversas práticas discriminatórias, surge a necessidade de desenvolver uma geografia da consciência, da memória e do empoderamento. Resgatar a memória e suas conexões com a paisagem é um passo crucial para a recuperação dos atores invisibilizados e de seus saberes, assim como dos processos e paradigmas tradicionais impostos e já estruturados na sociedade. A cartografia da memória, construída por meio de uma pesquisa com análise etnográfica ressignificada, traz à tona valores e sentimentos relacionados ao pertencimento ao espaço geográfico.

A disciplina de geografia desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de conceitos no ensino básico, oferecendo conteúdos que têm significância na realidade das comunidades onde é ensinada como ciência. Além disso, é essencial destacar outros conceitos e temas para interpretar as causas e consequências dos fenômenos naturais, assim como o espaço e suas perspectivas históricas, temporais e socioculturais, fornecendo ferramentas para o processo de ensino-aprendizagem, no qual o estudante se torna protagonista das ações sobre o espaço e age em busca da transformação de sua realidade.

A compreensão do mundo vivido e dos agentes com saberes e histórias construídas nas relações com a sociedade gera competências e habilidades para exercer a cidadania e confrontar e resolver os problemas da sociedade atual. O uso da metodologia de entrevista e análise de fotografia dos entrevistados constitui um componente essencial para compreender a percepção e a memória da paisagem

urbana em um contexto específico. As etapas meticulosas destinadas a capturar os relatos da experiência dos entrevistados, desde a realização de análises de campo até a comparação de registros históricos, visam enriquecer nossa compreensão da evolução da paisagem urbana por meio das lentes das memórias individuais.

Entretanto, os procedimentos descritos oferecem uma estrutura abrangente para a investigação da percepção da paisagem urbana por meio de imagens. Ao adotar uma abordagem qualitativa e centrada nos depoimentos de pessoas com experiência e vivência, este método visa capturar não apenas os aspectos tangíveis da paisagem, mas também as narrativas e experiências subjacentes que moldam sua interpretação. Essa metodologia multidisciplinar, que combina análise de campo, cartografia de memória, entrevistas e comparação com registros históricos, possibilita gerar informações valiosas sobre a transformação e a significância da paisagem ao longo do tempo.

Quanto à invisibilidade e esquecimento, uma análise crítica dos espaços geográficos, destacando como certos grupos étnicos são invisibilizados ou esquecidos, tanto historicamente quanto atualmente, os espaços que foram apagados ou negligenciados na narrativa dominante. Olhar para a paisagem envolve uma análise crítica da paisagem geográfica, considerando como ela reflete e perpetua estruturas de poder e hierarquias raciais.

É necessário destacar como a paisagem pode ser lida como um texto que revela narrativas de dominação e resistência racial. A necessidade de repensar que o reconhecimento da identidade dos povos excluídos, suas relações socioculturais, atribuídas a sua contribuição dentro do processo de formação destes territórios. Criando uma discussão em diferentes campos para que possam surgir novos caminhos, entre eles, uma produção comunitária com o resgate e valorização das da memória destes trabalhadores, tornando-se um passo para o surgimento de um novo Estado, pluricultural e multiétnico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar na jornada que foi realizar esta pesquisa, é difícil acreditar na tarefa de conseguir reunir material para estudar este tema. Muitas portas se abriram, outras se fecharam; a falta de registros ou o esquecimento de detalhes minuciosos da história mostram uma clara tentativa de invisibilizar o povo negro. Desde o esquecimento de artistas negros até a ausência de menção a figuras importantes como Giba Giba, Neri Caveira, Luiz Gama, Milton Santos, Maria Firmina dos Reis, e muitos outros, é crucial resgatar a história de luta, resistência e afirmação afro-brasileira.

Dessa forma, faz-se necessário reconstruir a história da contribuição do povo negro no Vale do Sinos, rompendo com essa invisibilidade e reconhecendo seu trabalho nas terras do sul. Apesar de muitas vezes relegados ao esquecimento do seu trabalho nas terras destinadas ao plantio de subsistência. O projeto de branqueamento, longe de integrar, excluiu, discriminou e escravizou ainda mais homens, mulheres e crianças negras, relegando-os a atividades consideradas não nobres e distantes dos benefícios do trabalho branco.

É inegável que os negros enfrentaram inúmeras dificuldades, desde a falta de transporte até a discriminação nos locais de trabalho e estudo. Aqueles que não conseguem terminar o ensino médio, que sofrem todos os tipos de racismo - individual, institucional, estrutural - são os negros. No entanto, mesmo diante dessas adversidades, o trabalhador negro, como pude observar em meu recorte de pesquisa, foi sempre um lutador incansável. E embora muitas histórias tenham sido perdidas e outras profissões não analisadas, suas memórias permanecem como testemunho de resistência, afirmação e busca pela igualdade. As tradições africanas da oralidade desempenharam um papel crucial na preservação da cultura dos povos africanos desorganizados pelo colonialismo europeu. Cartografar essas memórias se torna um caminho metodológico para compreender a paisagem e o espaço vivido e memorizado.

Portanto, diante da resistência histórica e da luta contínua por reconhecimento, é fundamental que sejam adotadas medidas efetivas para reparar as injustiças do passado e promover a valorização da identidade e cultura negra em todos os aspectos da vida social. É chegada a hora de transformar essa consciência em ação concreta, por meio de políticas públicas que promovam a igualdade de oportunidades, combatam o racismo estrutural e promovam a equidade racial em todas as esferas da

sociedade. Concluo, com a esperança de que, ao reconhecer e valorizar a contribuição dos negros na história e na sociedade, possamos construir um futuro mais justo e inclusivo, onde todos tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento e realização pessoal, independentemente de sua origem étnico-racial.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. P. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- ALLGAYER, Eni. **Escravidão Negros e Índios**. Ed. Rígel. Porto Alegre, 2005.
- ABREU, Maurício de Almeida. **Revista da Faculdade de Letras — Geografia I série**, Vol. XIV, Porto, 1998, pp. 77-97.
- ALVES, Eliege Moura, 2005, “**Uma presença invisível: escravos em terras alemãs (1850-1870)**”, em Margarete Fagundes Nunes (org.), *Diversidade e Políticas Afirmativas: Diálogos e Intercursos*. Novo Hamburgo, Feevale, 154-168.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo, Editora Jandaíra, 2021.
- BAKOS, Margaret Marchiori. **Escravidão e Abolição no Rio Grande do Sul**. 2. Ed. Londrina. Eduel. 2018.
- BENKO, Georges. **A Ciência Regional**. Oeiras, Ed. Celta, 1999.
- BENTO, Cláudio Moreira. **O Negro e Descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, Grafosul, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007a.
- _____. B. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.
- CAMPOS, Andrelino. **Do quilombo à favela: a produção do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005
- CARNEIRO, Lúcia Gomes. **Trabalhando o Couro. Do serigote ao Calçado "made in Brasil"** – Porto Alegre: L&PM: 1986.
- CAVALCANTI, Lucas Costa de Souza. **Cartografia de paisagens – fundamentos**: São Paulo. Editora Oficina de Textos. 2018.
- CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Ensino de Geografia. Práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre. Editora Mediação, 2000.
- CLAVAL, Paul. **Terra dos homens: a geografia**; trad. Domilite Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CUNHA Jr., Henrique; RAMOS, Maria Estela Rocha (orgs.). **Espaço Urbano e Afrodescendência**. Fortaleza: UFC Edições, 2007.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Urbanismo Africano: 6000 anos construindo cidades**. Revista Teias v. 21 • n. 62 • jul./set. 2020 • Ensaio • Seção Temática Raça e Cultura. 2020 -1.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Espaço Público, Urbanismo e Bairros Negros**. Editora Appris. 2020.

CUNHA JUNIOR, Henrique. **Críticas ao pensamento das senzalas e casa grande. Espaço Acadêmico**. Issn: 15196186. Ano 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

DELHAES-GUENTHER, Dietrich von (1973). **Industrialisierung in Südbrasilien**: Die deutsche Einwanderung und die Anfänge der Industrialisierung in Rio Grande do Sul. Köln, Böhlau.

DREHER, Martin. **190 anos de migração Alemã no Rio Grande do Sul. Esquecimentos e lembranças**. E.ed. São Leopoldo: Oikos, 2014.

FEDOZZI, L. J.; SOARES, P. R. R. **Porto Alegre e sua região metropolitana no contexto das contradições da metropolização brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Dossiê Sociologias, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 34.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FURTADO, Celso. **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite**. Rio de Janeiro. Bertrand, 2014.

HOOKS, bell. **Ensinando a Trangredir – A educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla – 2. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

GOMES. Laurentino. **Escravidão: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Vol. I. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GOMES. Laurentino. **Escravidão: Da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil**. Vol. II. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2022.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: Da Independência do Brasil à lei Áurea**. Vol. III. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **H.A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2004. _____, H. **Espaço e Política**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2008.

LEITE, Ilka Boaventura. **Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e Territorialidade**. Florianópolis. Letras Contemporâneas. 1996.

LENCIONI, S. (2020) **Concepções da metamorfose metropolitana**. In: Bógus, L.; Pasternak, S.; Magalhães, L. F. A. (Org.) **Metropolização, governança e direito à cidade: dinâmicas, escalas e estratégias**. São Paulo: EDUC: PIPEq, p. 31-50.

LIBÂNEO, José. Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Carmem Suzana Soares de Lima. **Interdisciplinaridade e a questão dos Negros na educação. Educação sem Discriminação. (Org) Grupo de trabalho antirracismo de Viamão**. Viamão, 2005.

LOPES, Véra Neusa. **Inclusão Étnico Racial: Cumprindo a Lei, Práticas Pedagógicas Contemplam Afro-Brasileiros**. Revista do Professor, Porto Alegre, v 19, n, 75, jul/ set. 2003, p. 25-30.

MAGALHÃES, Magna Lima. **Era um hino de fábrica apitando: a memória do trabalho negro na cidade de Novo Hamburgo (RS)**, Brasil. Disponível: <https://journals.openedition.org/etnografica/3122>.

MOREIRA, Paulo Staudt. MUGGE, Miquéias. **Histórias de Escravos e Senhores: em uma região de imigração europeia**. 2.ed. São Leopoldo. Oikos, 2014.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. GÁ, Luiz Carlos. **Adinkra: sabedoria em símbolos africanos**. Rio de Janeiro. Ed: Cobogó. 2022.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **De saberes e de territórios - diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana**. In: CRUZ, Valter do Carmo;

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993. 269 p. Parte III – O Território e o Poder - Capítulo 1 – O que é território?

REIS, João José. GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: História dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

ROESSLER, Henrique. **Pesca destrutiva no Rio Carreiro**. Correio do Povo Rural, 21/07/1961.

ROSIÈRE, Stéphane. **Géographie politique & Géopolitique**. Une grammaire de l'espace politique. 2^a édition. Paris: Ellipses. 2007. Segunda Parte - Capítulo 2 - Les Acteurs Géopolitiques. pp.283-346.

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço. Diálogos em torno da construção do significado de uma categoria**. São Paulo: Edunesp, 2002.

SANTOS, Helio. **A Resistência negra ao projeto de exclusão racial**. São Paulo: Jandaíra. 2022.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp. 2008. _____, M. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo. 6^a edição. 2021.

_____, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo. 5^a edição. 2020.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo, Companhia de Bolso. 4^a reimpressão 2015.

SILVA, Catia Antonia. CAMPOS, Andreilino. SANTOS, Renato Emerson. **Cartografia da ação e movimento da sociedade: desafios e experiências urbanas**: Rio de Janeiro. Editora Lamparina, 2011.

SILVA, R. H. A. **Cartografias urbanas: construindo uma metodologia de apreensão dos usos e apropriações dos espaços da cidade**. *Visões Urbanas – Cadernos PPG-AU/UFBA*. Volume I. Número Especial. 2008.

SILVA, M. da. (2013). ABREU, Mauricio de Almeida. **Sobre a memória das cidades**. VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A "Idade de Ouro" de Salvador.

SERPA, Angelo. **Por uma Geografia dos Espaços Vividos – Geografia e Fenomenologia**. Editora Contexto. 2021.

SOARES, P. R. R. (2020) **Produção do espaço urbano, financeirização e gestão urbana nas metrópoles e cidades na atualidade**. *Revista emetropolis*, v. 11, p. 34-42.

SOJA, Edward Willian. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 323p.

SOUZA, Marcelo Lopes de Souza. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2013.

SOUZA, Marcia Aparecida de; CUNHA JUNIOR, Henrique; SILVA, Cleber Andrade da. **A população negra na construção do Vale do Rio Carangola**. *Revista Transformar*. Vol. 13 (1), Jan / jul. 2019. (268-283).

TIBURI, M.; L. E. ACHUTTI. **Diálogo Fotografia**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2012. 104

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.